

ANNO 1°

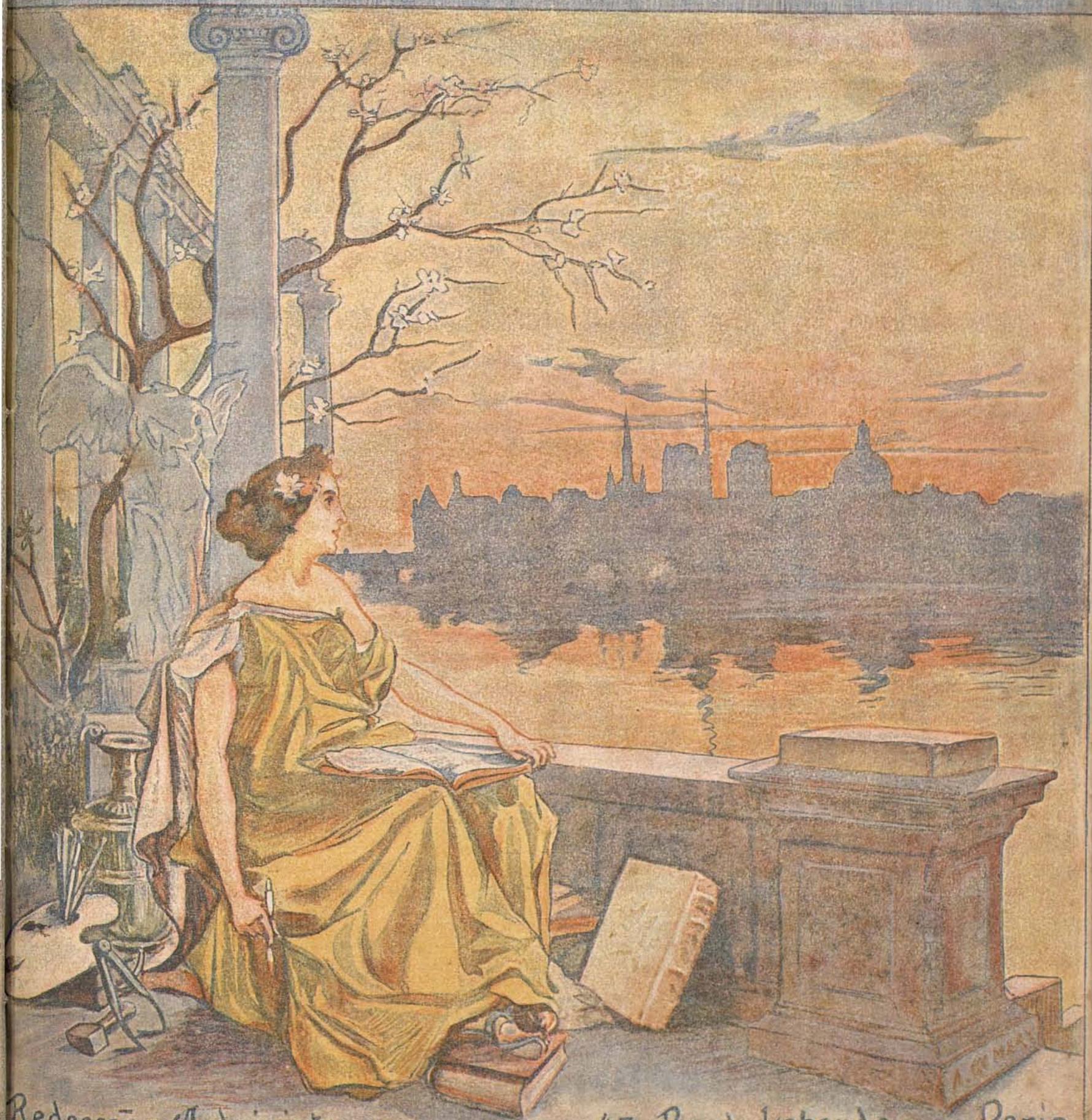
20 de Setembro de 1897

NUMERO 6.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Ilustrada

Directoria - M. Bolelho.



Redacção e Administração.

48 Rue de Laborde

Paris

Um transtorno da ultima hora, obrigou-nos a imprimir a capa do nosso ultimo numero n'uma só côr, mudando assim o aspecto exterior da nossa publicação. Demos as devidas providencias para que tal facto não se repita.

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

Rogamos tambem aos nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista* a reclamem aos nossos agentes nos respectivos Estados.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitaes proprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

A realisação d'este pequeno, mas difficil, programma exigia, antes de tudo, uma collaboraço emminantemente superior e a influencia de grandes espiritos criticos que, permanentemente, orientassem a sua perfeita e completa execuço.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a soluço d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboraço de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto do Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secçoes do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeçoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustraço, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execuço impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenço.

Esperamos assim, poder fazer uma revista verdadeiramente moderna, um completo **magazine** pela variedade dos assumptos e uma **illustraço** de primeira ordem pelo cuidado e profusão dos desenhos.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepções que nos podem acolher; mas sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer, os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portugueza e Brasileira, sempre justa ás idéas boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o logar que lhe compete.

A DIRECCÃO.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um **CORREIO ILLUSTRADO** creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas à Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *Revista Moderna*, incumbe ao seu respectivo autor.

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inedito:

A ILLUSTRÉ CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente, pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance:

A ILLUSTRÉ CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ

CHRONICA

Antigas Visitas

A FRANÇA, oficialmente e como Estado, devia desde o seculo XVIII quatro visitas imperiaes á Russia... Oh, visitas ceremoniosas e de amizade, porque Napoleão Iº com a Velha-Guarda em Moscou, e Alexandre Iº com os Cossacos em Pariz, nos Campos Elyseos, não se podem realmente contar entre as visitas de festa e de boa esperança — ainda que Napoleão levava aos Russos o que elles mais necessitariam, a idéa da liberdade civil, e Alexandre trazia aos Francezes o que elles sempre adoram, a certeza d'uma mudança de governo... A primeira visita russa foi a de Pedro-o-Grande quando o Rei de França, Luiz XV, menino e formoso, ainda dormia ao lado do seu aio, o pomposo Marechal de Villeroy, e duas saias governavam a França em nome do Regente — a de Madame de Parabère e a do Cardeal Dubois. A segunda foi a do Tzarevitch Paulo (depois Paulo I) em 1782, quando Marie-Antoinette resplendecia em Versalhes, e Robespierre copiava minutas de testamentos n'um escuro cartorio d'Arras. A terceira foi a de Alexandre II, na Exposição de 1868, quando Napoleão, com os seus grandes bigodes encerrados, apparecia, por sobre a Europa, como o Arbitro pensativo e forte. A quarta enfim foi a de Nicolau II, no anno passado, no outomno, quando as arvores dos Campos Elyseos, enthusiasmas, se cobriram de flôres de papel. E pelos accasos ás vezes divertidos, ás vezes profundos, da Democracia e da Sorte, coube ao Presidente da Republica retribuir estas antigas visitas devidas á Russia pelo Imperio e pela Monarchia. Assim, pela força inelludivel da continuidade historica, o Sr. Felix Faure em São-Petersburgo representou um pouco os Napoleões e um pouco os Bourbons. E não havia, n'este encargo herdado dos regimens mortos, incoherencia politica ou social. As classes elevadas (e na Russia só ellas existem, todo o resto é paisagem e gado) appreciam essencialmente a França pelo seu brilho

militar — que é obra do Imperio, e pela sua elegancia culta — que é obra da Monarchia. A essa sociedade, que ainda ha pouco fallava mais grammaticalmente o Francez que o Russo, a França apparece como o harmonioso conjunto de uma Civilização perfeita, já acabada quando a Monarchia acabou — e a que a Republica não juntou nem traço, nem retoque, nem camada de novo e superior verniz. Na realidade o Sr. Felix Faure deve um terço da sua recepção esplendida á batalha d'Austerlitz — e outro terço á *Athalie* de Racine. E talvez mesmo a feitos mais subalternos e faceis? Não seria o Sr. Felix Faure aclamado pela Sociedade de São-Petersburgo, menos como Presidente da Republica Franceza do que como Presidente do Pariz cosmopolita? Uma princeza russa (todos os jornaes o contaram com orgulho) abraçou, no delirio do seu Francesismo o creado de quarto do Presidente da Republica! Foi este consideravel abraço dado por amor dos serviços magnificos que a Republica tem feito á Instrucção ou por medo das tropas allemãs estendidas ao comprido da fronteira russa?... Não! não creio que ella procurasse, de braços avidos, esse peito bem engomado, para adorar n'elle a politica colonial do Sr. Ferry ou para n'elle se abrigar do furor germanico. O que a symbolica Princeza simbolicamente abraçou no escudeiro do Sr. Faure foi a delicada cozinha do Paillard, as comedias de Meilhac, o gosto de Madame Paquin, e a doçura da Avenida das Acacias nas finas tardes de Maio. Ah! N'estas sympathias de nação para nação, quando ellas germinam em classes aristocraticas e ligciras, não se imagina quanto por vezes influe a sciencia d'um cabelleireiro!

Mas das quatro antigas visitas Russas que o Presidente da Republica agora pagou com tanto tacto, e tanto garbo, só duas realmente pelo seu character affectivo, penetrante, enternecido, mereciam ser retribuidas com a cooperação sentimental de toda a França — a de Nicolau II, e a

de Paulo I. O Imperador Alexandre II veio a Pariz, á Exposição de 1868, como a uma feira, n'um confuso rancho de Soberanos em que, por ter faltado o Papa, se salientou o Sultão. E a viagem do outro, do pae da Russia, de Pedro-o-Grande, foi a brusca arremettida d'um urso, um urso curioso das cousas que luzem, que, pela rudeza do seu pello e modos, e as suas prendas genias, assombrou, escandalisou e divertio. D'esta visita, ao menos, ficou para a França e para a sua Litteratura uma pagina de Saint-Simon de grande vida e de grande côr. Mas da outra, da de Alexandre II nada restou, — a não ser, por amor da Polonia, um pobre Polaco preso, e, por especulação com a mesma Polonia, o Sr. Floquet para sempre illustre! Não! as bellas visitas, bem ornadas, bem conduzidas, e em que a etiqueta apenas policiou o sentimento, foram as duas — a que Paulo I fez á Monarchia de Versalhes, e a que Nicolau II fez á Republica do Elyseu. E de resto como ellas se assemelham, apesar do immenso e atulhado seculo que as separa — e durante o qual tudo mudou em França, a não ser o que n'ella é immutavel, o Espirito Classico! E não sómente se parecem no Programma das Festas, inspirado por esse espirito classico, mas sobretudo no fervor com que os dous Tzares, identicos esses, feitos da mesma massa autocratica, foram acolhidos pelas duas Françaes tão diversas — a França do tempo de Paulo em que a força do Estado se resumia toda n'um homem gordo com um manto de flôres de liz, e a França do tempo de Nicolau em que a força do Estado (segundo affirmam) se fragmentou, se dispersou por innumeraveis homens gordos, em mangas de camisa, vendendo vinho por traz de balcões de zinco...

Foi em Maio de 1782 que Paulo, então Tzarevitch, veio, em nome de sua mãe a grande Catharina, visitar Luiz XVI. A Revolução andava então no seu agradavel periodo philosophico: — e Marie-Antoinette, com tamancos de camponeza, fabricava requeijões na leitaria de Trianon, ao som galante das arias sabiamente rusticas de Glück e de Piccini, tocadas em redor, sobre as relvas, por pastores vestidos de setim. A Côte de França, como a Litteratura, era bucolica: — e em toda ella palpitava não sei que graça ligeira de Bailado e d'Opera-Comica. Para a visitar o Tzarevitch Paulo, muito coherentemente, tomou um titulo de Opera, o titulo de *Conde do Norte*. Era um homem franzino e pequenino, como succede ás vezes aos Romanoffs, com uma face chata e redonda de Kalmuko, onde todavia os olhos revelavam doçura e finura. Mas a Condessa do Norte (uma princeza de Wurtemberg) impressionou a Côte pela opulencia viçosa da sua belleza loura, lactea e rosea, que lembrava Marie-Antoinette — em muito grosso e muito empastado. Logo no dia da sua chegada, o Conde do Norte correu soffregamente a Versalhes, incognito, para contemplar a maravilha do mundo. Como era domingo assistiu do fundo de uma tribuna á Missa, depois á

soberba procissão tradicional dos cavalleiros do Santo Espirito. E voltou deslumbrado com os trages, as maneiras, a harmonia e a pompa — sobretudo com o encanto sumptuoso de Marie-Antoinette. Bem se comprehende, pois, a emoção com que elle, e a Condessa do Norte, e os *outros barbaros* (assim se dizia) se prepararam para o enorme dia, para a recepção solemne em Versalhes!

Logo ás cinco horas da madrugada os cabelleiros, commandados pelo sublime Léonard, começaram a construir o penteado monumental da Sr^a Condessa do Norte — que se espartilhou desesperadamente n'um prodigioso vestido de brocado, couraçado de perolas, com uma profusão de pedrarias, e magestosas anquinhas de seis covados de roda! Toda esta vasta e scintillante armação atulhava um coche immenso, em que se sumia, abafado, o herdeiro de Todas as Russias. Ah! não era de certo uma pura delicia, essa infindavel jornada de Pariz a Versalhes, aos solavancos tilintantes das berlindas douradas, pela estrada mal empedrada, no terror ancioso de amarfanhar as anquinhas e os falbalás — escangalhar a preciosa architectura do penteado immenso, d'onde a cada balanço s'evola uma nuvem de pó, embaciando as altas vidraças. Todo esse fastidioso caminhó o passou a Sr^a Condessa do Norte em transees mortaes... E depois houve surpresa e desapontamento na Recepção. Luiz XVI, sempre acanhado, com um embaraço affogueado de gordo, baixou as palpebras espessas, adiantou o pesado beijo, murmurou tardios e vagos sons, quando o Conde do Norte findou o seu comprimento bem preparado e bem sentido. De sorte que o Tzarevitch apresentou á pressa ao rei duas cartas que trazia, uma de Napoles, outra de Parma, e passou, em procissão, aos quartos do pequenino Delphim (o primeiro, o que morreu em 1789, na vespera da Revolução) a quem abraçou, beijou, felicitando a governante, a Sra Princeza de Gué ménée, por ter o encargo de tão adoravel, excelsa criança...

— Recorde sempre, minha senhora, ao senhor Delphim, esta visita que eu faço ao seu berço, como uma prova de affeição profunda, e como penhor da amizade e *alliança* que eu desejo eternas entre os nossos Estados!

Estas palavras voaram atravez de Versalhes, applaudidas como muito avisadas e muito bellas! Ainda que a Côte, que acabára de humilhar a Inglaterra, favorecendo triumphalmente a independencia da America do Norte, sorriu a esta expressão d'*alliança* que pareceu, sobretudo aos Duques e aos Marechaes, ligeiramente ousada e intrusa. E logo ao jantar de gala, n'essa tarde, Luiz XVI se mostrou mais familiar, mais affectuoso. De resto a hora das comidas era sempre, para este bondoso principe, aquella em que o seu coração se dilatava e se entregava. Mas a affabilidade e a effusão captivante do acolhimento aos Russos veio toda de Marie-Antoinette, que não cessou de louvar a Condessa do Norte, indagar dos

seus gostos, supplicar a sua amizade — e que terminou ao fim do jantar por lhe offerecer um leque todo cravejado de diamantes, com uma luneta presa ao cabo, picada tambem de pedrarias.

— Sei, disse a Rainha á Condessa, que tem como eu a vista curta. Consinta, pois, que lhe dê o remedio com esta bagatella, que a fará lembrar de mim...

— Toda a vida conservarei este leque, volveu a Condessa do Norte á Rainha, pois que lhe devei a felicidade de ver melhor a V. Magestade!

Esta linda replica encantou Versalhes. Depois houve um concerto, com todas as gallerias illuminadas, d'incomparavel esplendor. Os Condes do Norte recolheram a Pariz ás tres horas da madrugada, tão estafados que ambos adormeceram no coche; e a Sr^a Condessa conservou dous dias uma atroz enchaqueca de todo aquelle brilho, aquelle appáto, e sobretudo (comó ella se queixou) do longo esforço « para fazer phrases graciosas ».

Depois começou para o Tzarevitch Paulo o programma de festas que a Republica, por não possuir outras magnificencias além das que creou a Monarchia, e em obediencia ao espirito classico, repetio docilmente na recepção do Tzar Nicolau. Visita aos Invalidos. Visita ao Louvre. Visita a Notre-Dame. Visita a um tumulo illustre (n'essa occasião foi o de Richelieu). Representação de gala no Théâtre-Français com uma comedia então muito famosa, o *Mercurio Galante*. Representação de gala na Opera com a *Iphigenia em Taurido* de Glück, e o *Devín de Village*, « palavras e musica de João-Jacques Rousseau... » N'estas galas, a estas visitas (está claro!) nunca assistia o Rei que a sua grandeza retinha em Versalhes. Não compareciam mesmo os Principes de sangue. Quando muito, ás vezés, o Introductor dos Embaixadores, M. de Lalive, acompanhava S.S. A.A. Imperiaes. Assim foi na visita á Academia Franceza, que celebrou uma sessão em honra dos Condes do Norte. Ahí o inevitavel La Harpe declamou no seu costumado tom « aspero e horripilante » uma tremenda Epistola Poetica em louvor do Conde do Norte, que corou, se recusou, quando (em versos chatos mesmo para La Harpe) foi comparado a Pedro-o-Grande. Depois La Harpe voltado para a Condessa do Norte, princeza allemã, exerceu o seu sacerdocio, esboçou um Quadro Critico da Poesia Allemã : — e foi então a Condessa que corou, escondeu a face embaraçada por traz do leque, por que o grande Critico citava erradamente os poetas, confundia as obras, baralhava as epochas, espargia ineptias, com pompa estridente. Mas já M. d'Arnoud se erguera, com um ponderoso manuscrito, onde o doutissimo homem, sem compaixão, dissertava sobre Julio Cesar. Hora dolorosa em que (segundo o testemunho d'uma das Damas da Gran-Duqueza) os Condes do Norte se retinham n'um esforço sublime para não ceder ao molle bocejo que corria atravez de toda a illustre Companhia. Depois perorou o

grande Condorcet, com engommada emphase, sobre a Philosophia Allemã : — e de novo a desditosa Condessa do Norte (que, como toda a princeza allemã do seculo XVIII, manuseara a sua *Metaphysica*) teve de se refugiar por traz do leque, arripiada, por que o grande Condorcet ia desenrolando, sobre o Absoluto e o Contingente, banalidades vergonhosas. Quando elle acabou, o illustre d'Alembert distribuio aos Principes e á sua comitiva as « senhas » de marfim da sessão — dirigindo a todos saudações e cumprimentos galantes. Infelizmente d'Alembert, além d'uma fealdade desabrida, possuia uma voz muito estridente, quasi ladrada — de sorte que os Principes, espantados e recuando, não sabiam se elle lhes declamava louvores, se lhes gania injurias. E a sessão findou conversando a Sr^a Condessa do Norte com todos os Immortaes, a todos citando o titulo ou mesmo trechos das suas obras, por entre amabilidades que o bom Gran-Duque teve d'encurtar — por que passava das tres horas, o jantar da « gente de qualidade » era então ás duas, e todo o sequito Imperial, sobretudo as damas, em movimento desde a madrugada por causa dos penteados e das anquinhas, desfallecia de debilidade.

Dias depois foi a festa de Trianon, offerecida especialmente pela Rainha, com Opera e Bailado. As senhoras estream então um penteado que depois se tornou muito querido na Cidade e na Côte apesar do seu peso e do seu perigo. Consistia elle em entremear os cabellos, elevados em outeiro, de ramos de flôres naturaes, cujos pés, para que ellas conservassem frescura e brilho, se mettiem em garrafas chatas cheias d'agua, muito astuciosamente disfarçadas entre os grossos rollos empoados. Era um jardim sobre a neve. Algumas damas traziam assim sobre a cabeça seis, oito garrafas de cristal, com o seu peso d'agua e de flôres. Por vezes d'uma garrafa despreendida dos ganchos, desequilibrada, escorriam doces e lentas gottas sobre os hombros nús e radiantes. Então era um fio de cascata cahindo d'um alto rochedo florido. A Condessa do Norte porém desdenhou esta innovação, plantando simplesmente nos cimos do seu toucado um pé de roseira, toda d'ouro, sobre a qual, com delicadas molas, se balançava, batia as azas, abria o bico, pipiava, um passarinho todo de pedrarias. Marie-Antoinette, maravilhada, louvou, até appetiteceu esta joia! A Opera n'essa noute cantada em Trianon foi a muito deliciosa, muito famosa *Zemira e Azor*, em que a Rainha discretamente collaborara com Glück. Mas os Condes do Norte sobretudo se encantaram com o Bailado, cheio de graciosa melancolia e de sensibilidade, da *Joven Franceza captiva no Serralho*. Depois nos jardins, illuminados como um Paraiso, houve uma ceia de tresentos talheres, muito suave e risonha. Madame Elisabeth, a irmã de Luiz XVI, teve ahí, conversando com a Condessa do Norte, um dito que revôu por Pariz, entrou na Historia,

a tornou tão tocante como uma Princesa de Conto Moral :

— Não quero casar. Eu só poderia desposar o filho d'um Rei... Ora um Principe deve governar os Estados de seu Paes. E para reinar ao longe eu perderia a doçura de ser franceza e viver junto do throno de França...

Mas, de todas as festas em honra dos Condes do Norte, nenhuma se comparou á de Chantilly, onde, durante quatro deslumbrantes dias, se exerceu, com suprema magnificencia, a engenhosa e historica hospitalidade dos Condés. Para os cento e cincoenta convidados do Principe de Condé circulavam quinhentos escudeiros de libré (sem contar a creadagem immensa do parque e das coutadas), e com uma ordem tão discreta e silenciosa, que todo o palacio, como notou a Snr^a Condessa do Norte, lembrando o estrepito slavo, parecia servido por « espiritos inviziveis ». Cada dia, quasi cada hora trouxe o seu deslumbramento, em banquetes, cortejos atravez do parque, festas sumptuosamente rusticas, operas, bailados, mascaradas, illuminações, fogos, adoraveis concertos nos lagos, caçadas á luz d'archotes, surpresas causando tanta delicia em viver que a Snr^a Condessa, á noite, ao adormecer entre o sussurro emballador de musicas errantes, suspirava e murmurava : — « Ah ! se o Tzarevitch fosse Delphim de França ! »... Penso no emtanto que havia momentos menos divertidos — porque de vez em quando (sobre Chantilly pesou sempre a fatalidade da erudição) o Principe de Condé arrastava os Condes do Norte e os hospedes mais gradados para o seu gabinete de Historia Natural — e dissertava. E era necessario tambem escutar os feitos de guerra do Grande Condé, e admirar com religiosa emoção as suas armas, os seus mappas, as suas reliquias militares... Mas finda esta hora severa (em que de resto se comprazia o Tzarevitch) o Principe de Condé era o mais apressado em restituir os seus convidados aos Jogos, ás Graças e aos Risos. Marie-Antoinette não se consolou de que a etiqueta e a desconfiança tristonha do pobre Luiz XVI a impedissem d'assistir a este elegante Conto de Fadas, — sobretudo a certa ceia, na *Ilha do Amor*, tão divinamente illuminada que cada folha parecia uma estrella, e em que, á sobre-mesa, o Deus tutelar da Ilha, um delicioso Cupido vivo, surdido de repente, com as suas armas e as suas flexas, de dentro de um ananaz perfumado... Mas tudo finda, e depressa, sobretudo prazeres de Principes... Quando chegou a tarde docemente

melancolica em que os Condes do Norte recolhiam a Pariz, quasi brotaram lagrimas de todos esses nobres olhos. O Duque d'Enghien, esbelta criança de dez annos, offereceu á Gran-Duqueza um ramo de esplendidas flôres, que ella beijou, que a encantou, por que a boa allemã adorava as flôres, e não podia saciar esse amor no seu sombrio São-Petersburgo. E foi então que, já á portinhola dos grandes coches, o Principe de Condé disse ao Tzarevitch, com uma seriedade sensibilizada :

— Vamos estar bem longe um do outro, meu Senhor!... Mas, se V. A. Imperial o permittir e o Rei não se oppozer, poderei talvez um dia ir a São-Petersburgo pagar a visita tão preciosa que V. A. fez á França.

O Tzarevitch accudio, tambem commovido :

— Oh, com que enthusiasmo receberemos um Principe de França!... E minha mãe a Imperatriz teria particular prazer em acolher V. Alteza nas nossas barbaras terras.

O Principe de Condé suspirou, sorriu :

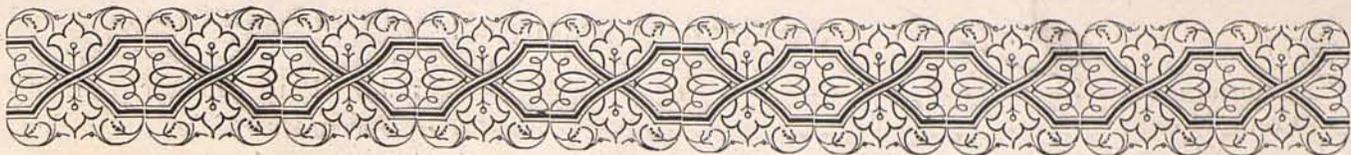
— Ai de mim, meu Senhor, são sonhos!

Eram sonhos. Nenhum Principe da Casa de França deveria jámais, em nome da França, visitar as « terras barbaras do Norte. » E depois succedeu que para todos esses Principes em breve o Destino (outros dizem a Justiça Immanente que habita o Invisivel) mandou horas temerosas. O mais alto de todos, o Rei de França, foi guilhotinado. A Rainha Marie-Antoinette foi guilhotinada. Madame Elisabeth, que só podia desposar um filho de Rei, foi guilhotinada. O Duque d'Orléans foi guilhotinado. Todos aquelles fidalgos e delicadas damas de Trianon e Chantilly foram guilhotinadas, mortas a tiro e a chuço, como bichos, nos pateos das prisões. Depois olindo Duque d'Enghien, que tão gentilmente offerecia flôres, foi fusillado nos fossos de Vincennes. O Duque de Bourbon foi assassinado... De facto, quasi nenhum dos que tanto folgaram e resplenderam n'esse radiante Maio da visita russa morreu no seu leito e na paz de Deus de que tão pouco se lembravam! Sim ! O Tzarevitch Paulo, já Imperador, já Paulo I, morreu no seu leito — estrangulado.

E por ter esta sociedade magnifica de França acabado assim no cadafalso, no exilio, na miseria das revoluções, é que coube ao Sr. Félix Faure o pagar á Côte da Russia a visita devida, já promettida, nos fins do seculo XVIII, uma tarde, em Chantilly, pelo Sr. Principe de Condé.

EÇA DE QUEIROZ.





A revolta na India Ingleza

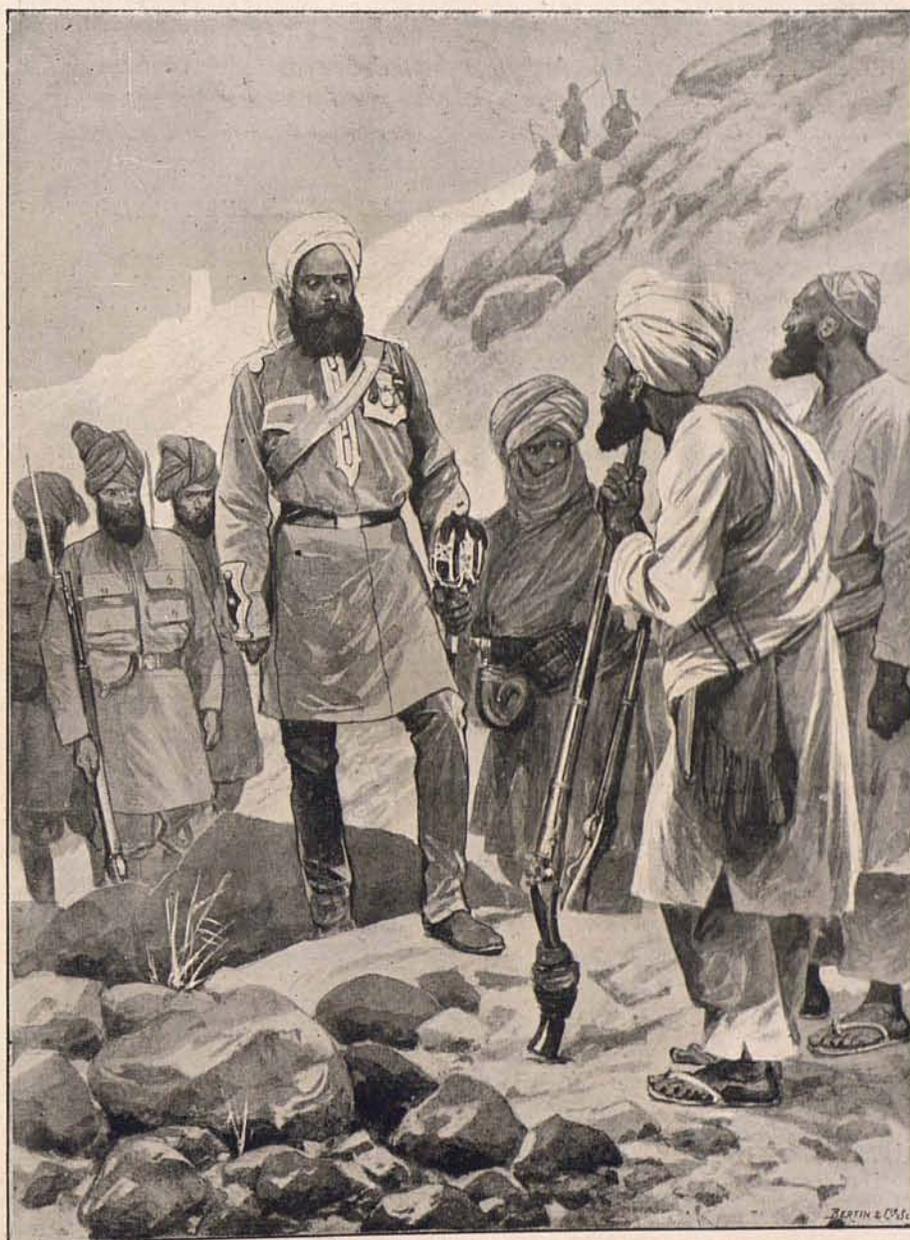
A PEZAR das noticias optimistas dos jornaes inglezes a revolta da India toma proporções assustadoras. Telegrammas vindos de Simla, residencia de verão do vice-rei da India, indicam que já mais de 40.000 homens de tropas inglezas estão concentrados na fronteira noroeste do imperio, onde os insurrectos parece disporem de grandes forças e onde varias vezes a bandeira britannica tem sido obrigada a recuar.

No meio das noticias contradictorias que veem d'este lado do oriente é difficil saber-se com verdade o caminho que tem feito a insurreição. Às noticias dos combates, publicadas pelos jornaes d'Europa, responde a imprensa ingleza com desmentidos e notas tendenciosas, nas quaes os inglezes são sempre victoriosos e em que a revolta é reduzida ás proporções modestas de uma escaramuça.

Entretanto, tropas de reforço partem á pressa da Grande Bretanha e uma grande actividade reina em todos os arsenaes.

A verdade é que apesar das declarações inglezas toda a região noroeste da India se levanta e que os revoltosos estão senhores dos desfiladeiros de Kayber.

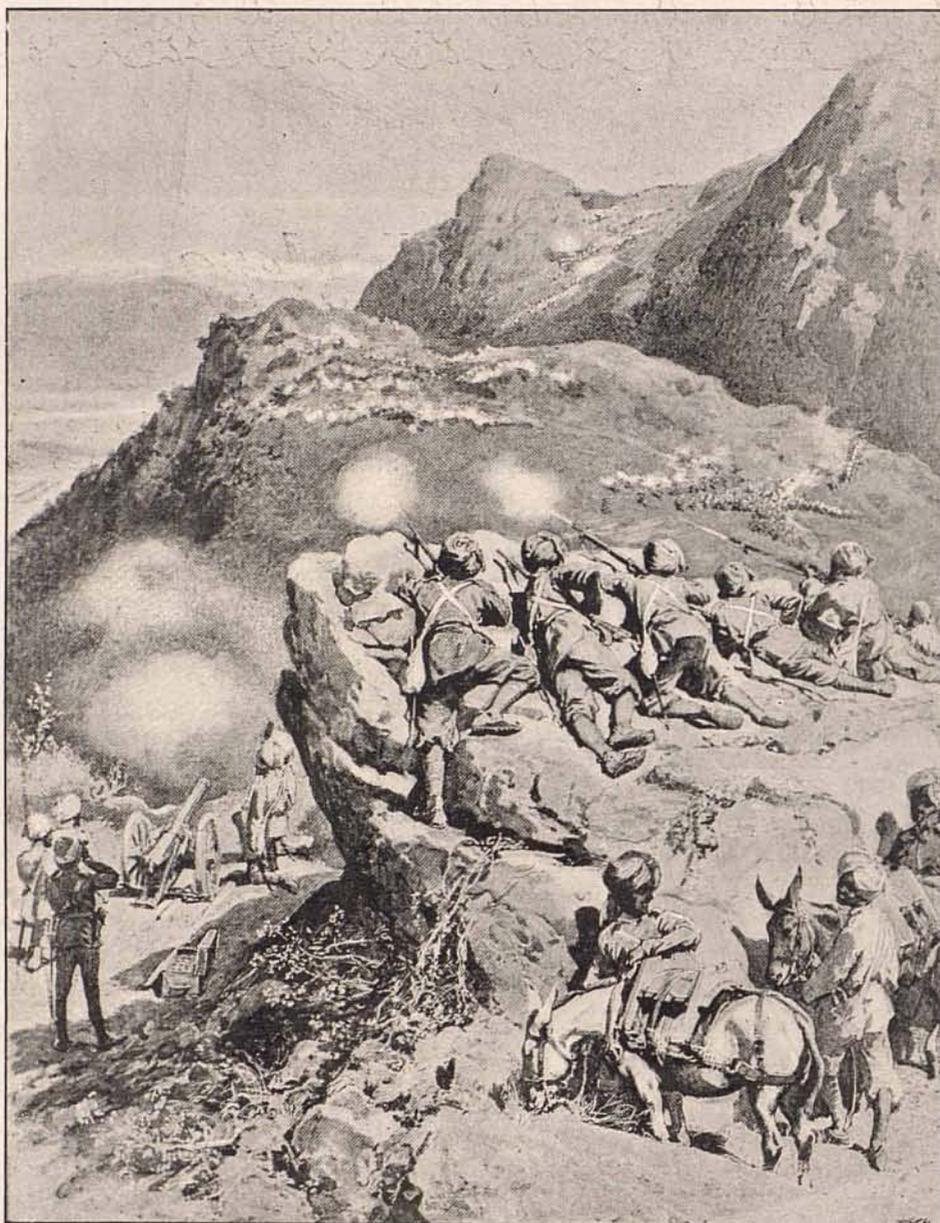
As ultimas noticias que o telegrapho nos dá e que a Inglaterra ainda não desmentiu, são as



Do Graphic.

Os soldados indios ao serviço da Inglaterra.

de um verdadeiro desastre para as milicias anglo-indianas.



Do Graphic.

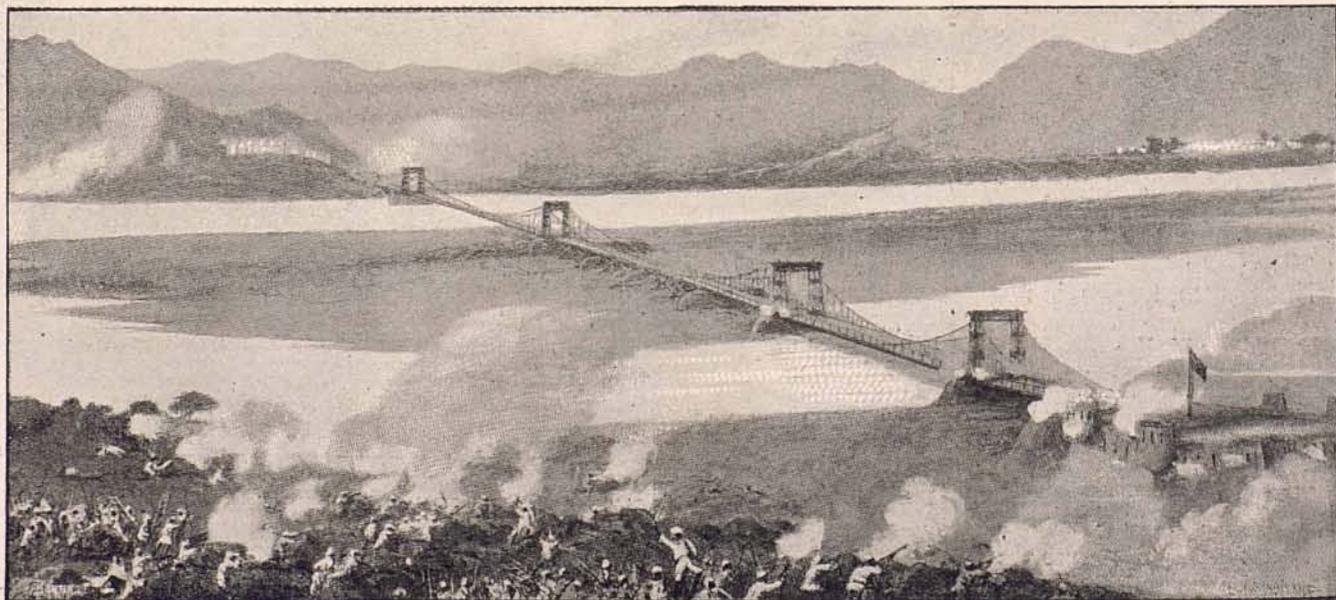
Tiroteio nos desfiladeiros de Kayber.

Para castigar os insurgentes Mohmands, duas columnas de tropas, commandadas por dois generaes, procuraram invadir o paiz que aquelles indios occupam e retomar as posições perdidas.

A columna commandada pelo general Ellis não tem até agora encontrado séria resistência, mas a que commanda o general Jeffrey e que investira o valle do Panykora, foi coagida a bater em retirada depois de ter soffrido numerosas perdas durante um combate encarniçado, onde o proprio general foi ferido gravementé, e onde morreram nove officiaes e cento e vinte soldados.

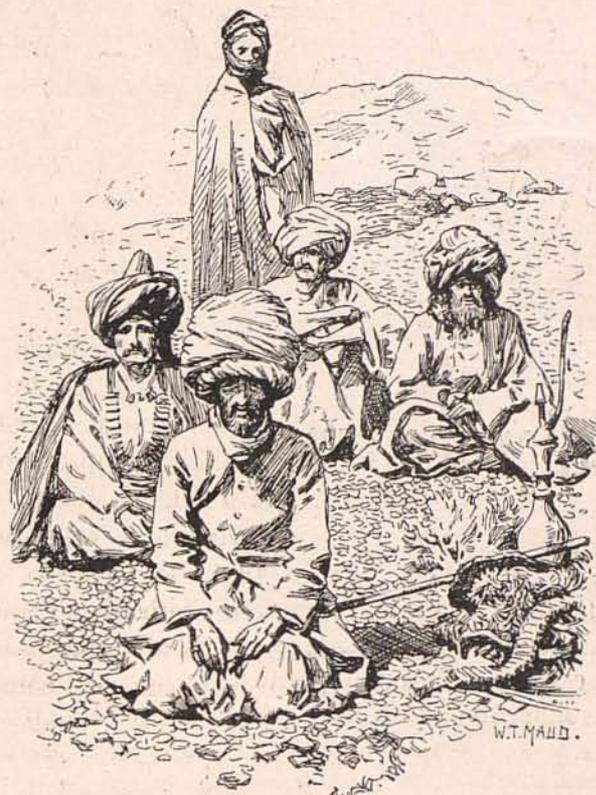
Comprehende-se o effeito que esta victoria dos Mohmands vae fazer em toda a região e não é para admirar que o levantamento se propague e que os reforços que seguem de Londres cheguem muito tarde, para serem efficazes.

Como se vê, a revolta está longe de ser termi-



Do Graphic.

O COMEATE DE CHAKDARA. — A defeza da ponte do rio Swat.



Um grupo de Dawaris, tribus revoltadas.



Soldados indios ao serviço da Inglaterra.

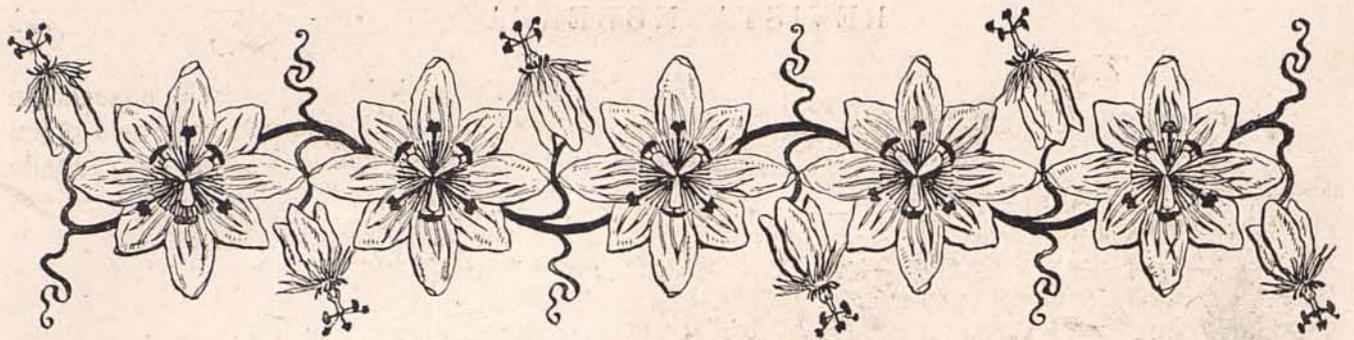
nada e pôde ainda reservar grandes surpresas.

Quanto ao emir do Afghanistan, que a principio a Inglaterra acusara de traição, fez novos protestes et juramentos de fidelidade à Grande Bretanha, e prometteu ajudar com as suas tropas a debellar a insurreição. É verdade que até hoje esses promettimentos não tiveram effeito e que o poderoso emir assiste, com uma indifferença significativa, aos combates que as tribus rebeldes dão nas fronteiras, e talvez no territorio do seu proprio reino.

As figuras que acompanham este artigo representam varios episodios das primeiras hostilidades: *A aldeia de Sheranni* onde teve lugar o ataque da primeira expedição ingleza; *O Tiroteio nos desfiladeiros de Kayber* aonde os inglezes perderam dois fortes importantes; a defeza pelas tropas inglezas da *Ponte de Chakdara* que os insurrectos procuravam destruir, typos de Indios, de soldados, etc, etc.



Aldeia de Sheranni.



As festas de São-Petersburgo

ESTÃO bem terminadas as grandes festas que a imperial cidade de Pedro o Grande consagrou á visita do chefe da nação franceza. — O Sr. Felix Faure reintegrando o seu palacio do Elysêo deve gozar tranquillamente o doce prazer de um justo repouso após tantas, tão entusiasticas e interminaveis festas e ovações.

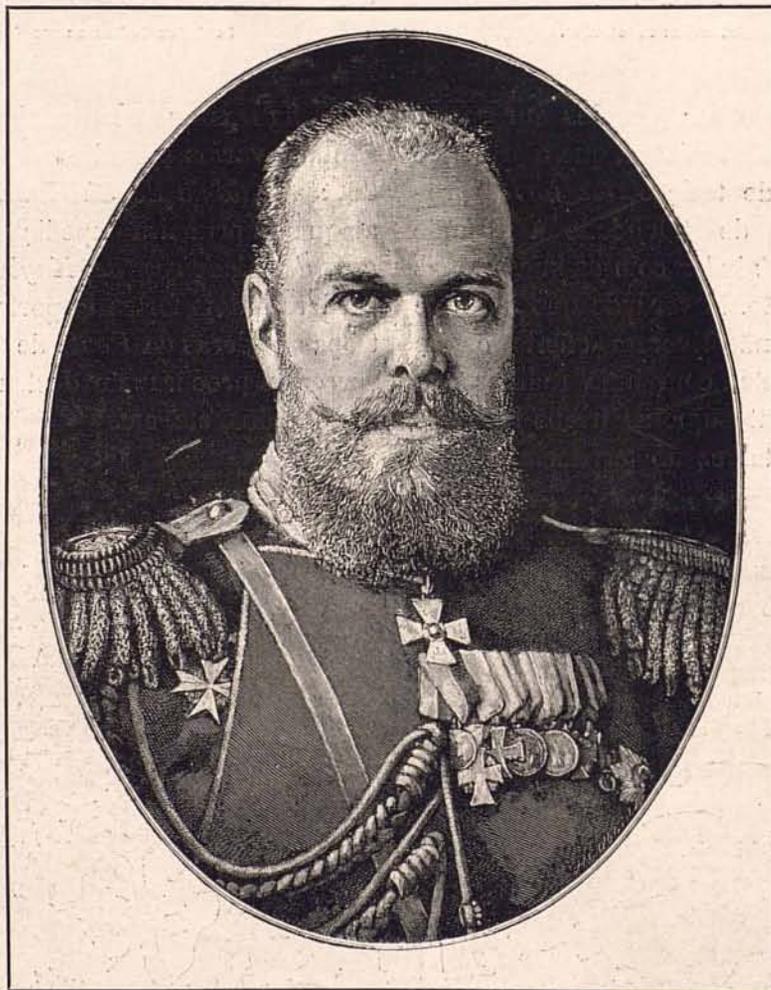
A nação russa obedecendo ao exemplo do *Senhor* e aproveitando a completa liberdade concedida durante as festas da alliança, expandio-se de bom coração, festejando ruidosamente a visita presidencial e a população de São-Petersburgo, meia selvagem e meia crente, confraternisou largamente com os marinheiros de França nas tavernas de Cronstadt.

A sincera e cordial recepção do Imperador e toda a sua còrte indo ao encontro do hospede desejado — essas deslumbrantes e indescriveis festas nos jardins de Peterhoff — a tocante visita

ao tumulo do saudoso monarcha Alexandre III, o fundador da alliança franco-russa, e que tão bellos exemplos legou á politica europeia para a consolidação da paz. Esse typo perfeito e completo

de chefe supremo e absoluto que uma molestia inesperada e mysteriosa veio colher em plena realização dos seus mais bellos e ardentos projectos. Essa alma mystica de soberano que amava sinceramente o seu povo confundindo no mesmo patriarchal e terno carinho a grande familia russa e a sua propria familia imperial. A admiravel coadjuvação que o saudoso monarcha encontrou na sua imperial esposa a bondosa e sympathica princesa Dagmar da Dinamarca, que partilhando o throno dos Tsares foi uma das grandes e principaes factoras da alliança

que acaba de ser sellada. — O seu modesto e nobre desaparecimento d'essa festa nacional para a realização da qual ella tanto dedicou-se



TSAR ALEXANDRE III

Fundador da alliança Franco-Russa fallecido em outubro de 1894.

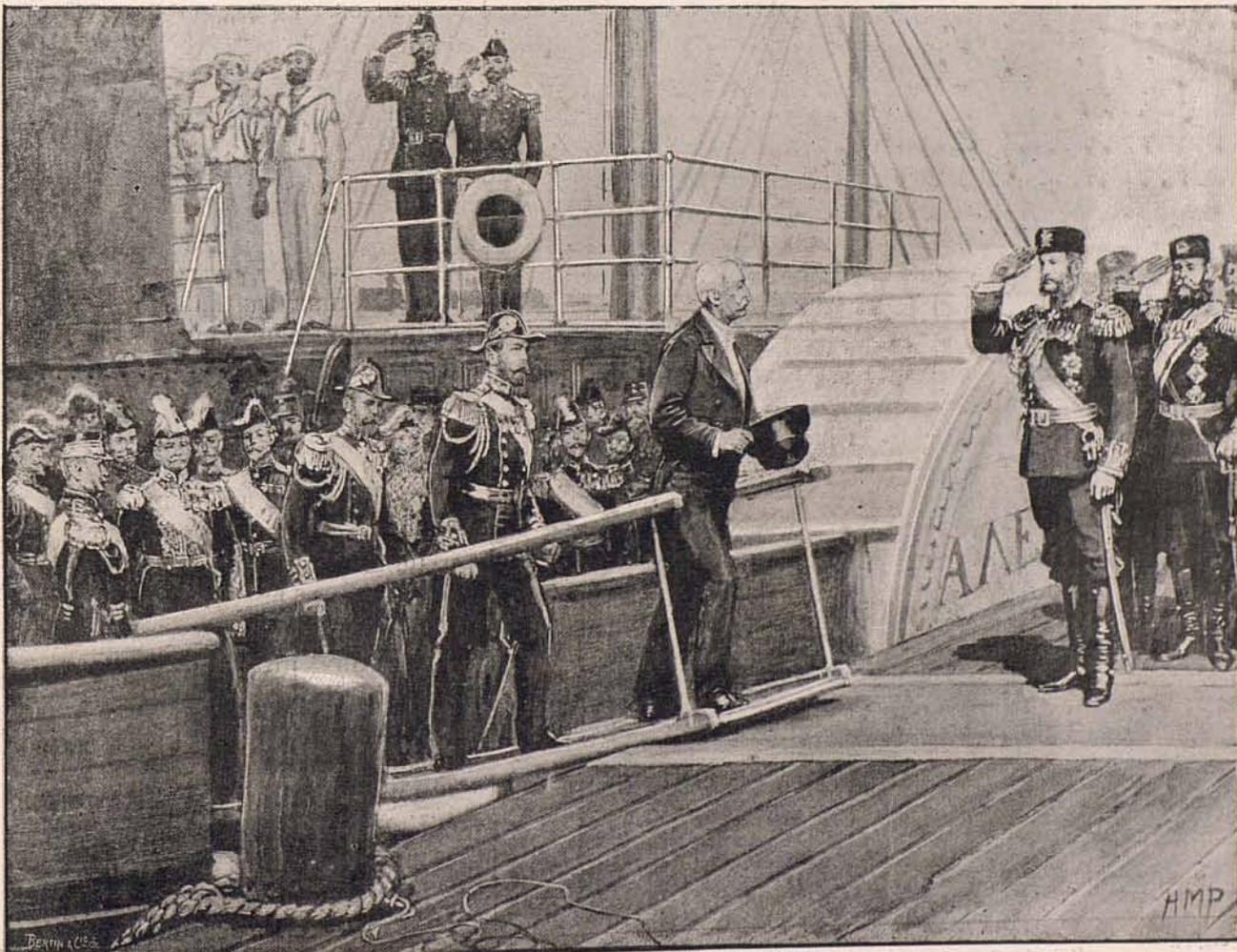


Caes do Almirantado, São-Petersburgo.

é fugindo a todas as manifestações vac tristemente á côrte de seu pae o velho rei Oscar, onde solitaria invoca piedosamente a memoria querida do grande imperador como que para pol-o em contacto com a patria bem amada, que hoje dirigida pelo seu filho e herdeiro recebe a visita do chefe alliado que em nome da sua nação e como homenagem de todo um povo offerece-lhe esses dous ramos entre-

laçados, symbolizando o bello e constante ideal de toda a sua vida e de todo o seu reinado, a PAZ — A imponencia da revista de Krasnoie-Selo, onde um principe de França desfila á frente do seu batalhão saudando militarmente o seu soberano adoptivo e o presidente do seu paiz que elle não reconhece e ao qual recusa polidamente a condecoração que lhe offerece, protestando estar pelos direitos de sua familia muito superior ás honras que lhe desejam conferir, — essa feerica representação que por ordem do Tsar é executada ao ar livre na tão pittoresca ilha Olga, tendo como decoro as bellas arvores de Agosto e o mar que vem morrer silencioso sobre a verde relva — o Sr. Felix Faure

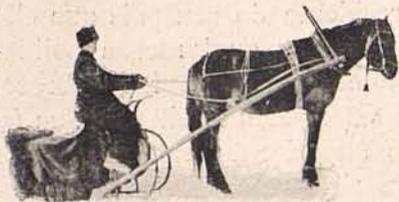
rodeado de todos os grandes-duques e da alta nobreza russa contemplando alegremente as trezentas bailarinas do theatro imperial que, cheias de arte e belleza, executam o gracioso bailado *Sonho de uma route de*



Do Graphic.

Desembarque do Presidente em Cronstaut.

verão; e, finalmente, o almoço de despedida a bordo do *Pothiau* no qual foram trocados os celebres brindes, em que pela vez primeira os chefes dos dous paizes pronúnciam a palavra alliança, consagrando-a de facto perante o mundo, que at-



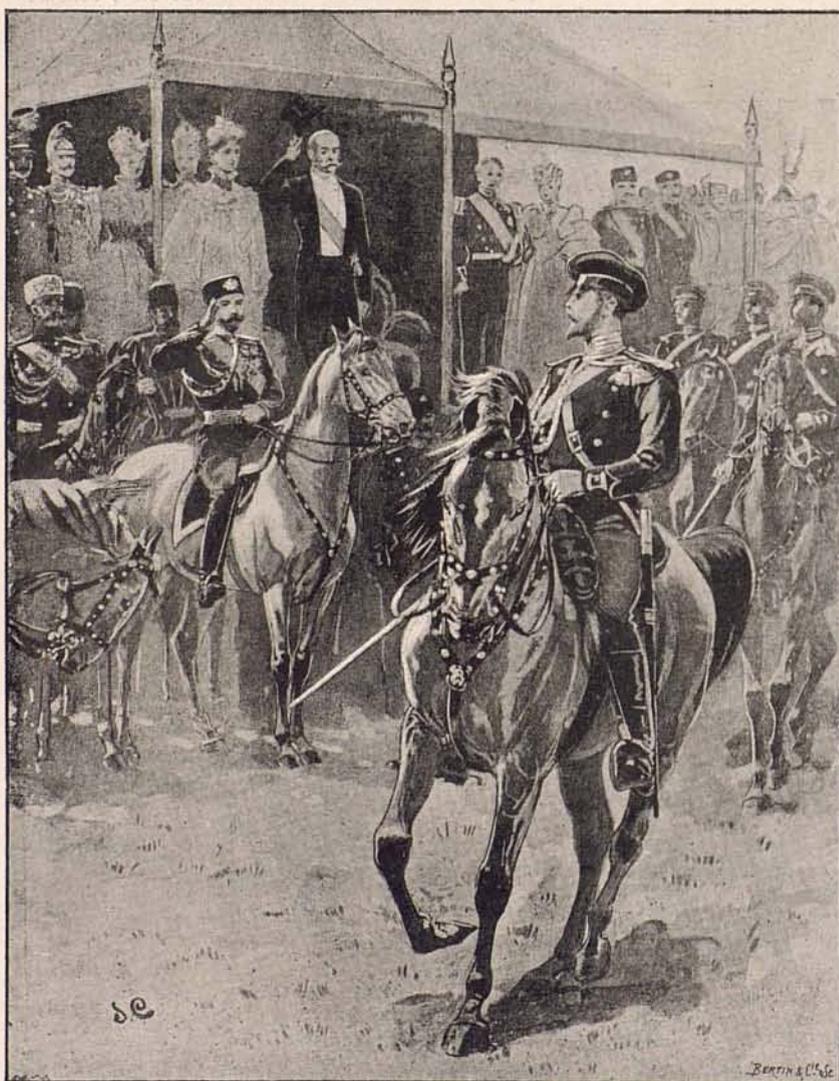
tentamente acompanhou a viagem do Presidente de uma republica na cõrte do mais poderoso e autocrata dos soberanos.

Todas essas bellas testas estão bem terminadas, e como recordação d'esses memoraveis dias de folgança e regosijo popular só resta a branca estatua de gesso, symbolisando a Paz e que um tão bello effeito decorativo causou no começo da perspectiva Newsky, — Essa mesma não faz mais que esperar a sua substituta que em bronze modelada eternamente perdure commemorando talvez e com muita ironia a nova orientação da grande raça slava.



Egreja d'Ascensão, São-Petersburgo.

Uma revista ingleza, commentando o viver modesto e simples da familia imperial russa, conta-nos que, bem ao contrario de seus antecessores que só sahiam a passeio acompanhados de numerosas escortas, o actual imperador e a imperatriz sahem muitas vezes a pé, passeando pelas ruas da sua capital sem nenhum apparatus militar, tendo sómente a uma respeitosa distancia um creado particular, que tem ordem de segui-los.



Graphic.

O principe Luiz Napoleão desfilando na revista de Krasnoé-Selo deante do Tsar e do Presidente Faure.

Em uma das manhãs do ultimo inverno, continua a mesma revista, o Tsar vestido de um sobretudo de astrakan toma um tramway e com grande admiração de todos senta-se entre os passageiros, pagando a sua modesta passagem. Se o poderoso monarcha tinha escolhido esse meio de locomoção não era certamente por habito e muito menos por phantasia ou prazer, mas sim para dar o que os americanos chamam uma *lição pratica* que são mil vezes mais eloquentes que os mais bellos discursos.

No exercito russo os jovens officiaes têm habitos de prodigalidade que tornam a carreira militar bas-



Do Illustrirte Zeitung.

O BAILADO DA ILHA OLGA



O Neva no inverno.

tante difficil para os rapazes sem fortuna. Um tenente muito pobre para não pagar as despezas de um carro tomou como era natural um tramway. Seus camaradas tendo-o visto chegar ao quartel n'esse vehiculo popular o accusaram de ter compromettido o uniforme, convidando o infeliz rapaz a pedir a sua demissão.



O Imperador informado desse incidente tomou o mesmo tramway para ir ao quartel do regimento, onde servia o

joven tenente, e lá chegando reunio o corpo dos officiaes, louvando altamente o procedimento economico que tinha sido tão censurado, e convidou os militares presentes a seguirem esse digno exemplo. — É o que se póde chamar a grandeza de um poder sem limites conciliada a mais bella das simplicidades.

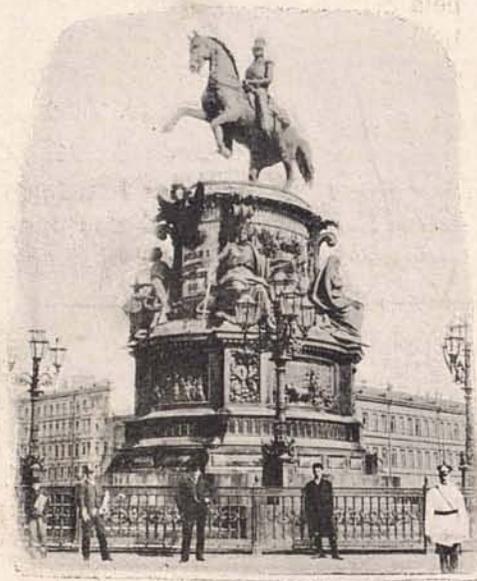
Acabadas as grandes festas de São-Petersburgo, Nicolau II, e a sua imperial consorte Alexandra Feodorowna partiram para a Polonia Russa, que, desde a ultima insurreição não tinha ainda merecido as honras de uma visita dos seus soberanos — O eterno rancor que guarda a nação polaca contra os seus expoliadores fez uma respeitosa tregua durante a viagem imperial. As ci-



Fonte Neptuno em Peterhof.

dades de Varsovia e Kowno especialisaram-se pelas bellas recepções e festejos com que honraram a presença imperial, e facto notavel, uma grande deputação da nobreza e clero apresentou uma mensagem ao imperador, manifestando a esperança que durante o seo reinado e em um prazo que todos esperavam ser breve, fossem concedidas á Polonia as mesmas liberdades e a mesma independencia que ella gozava antes da ultima revolução.

Será essa uma grande medida politica que certamente o espirito do jovem soberano não desprezará procurando aproveitá-la como um factor poderoso de popularidade para o seo reinado que começa. O Tsar poderá inaugurar n'essa grande parte do seu territorio o mesmo systema politico,



Monumento de Nicolau I, São-Petersburgo.

que a Austria adoptou para com a Hungria, tendo em vista naturalmente a differença das formas de governo que dirigem os dous países. Uma pequena autonomia mesmo, será recebida pela nação polaca com o mais sincero reconhecimento, outorgando ella ao seu bemfeitor um eterno agradecimento. A situação actual da Europa não mais permite a esse paiz subjugado uma tentativa de liberdade pelas armas; forçosamente elle procurará reconquistar pelos meios pacificos e pela lealadade de seus sentimentos os restos do seu antigo esplendor e os ultimos vestigios das suas glorias.

Nicolau II, independente das exigencias do seu governo autocrata, fará naturalmente todas as concessões que lhe fôr possivel ao justo pedido d'esse grande povo.



O REI DE SIÃO EM FRANÇA

DEPois de correr toda a Europa, começando pela Suissa, Italia, Russia e Allemanha, Inglaterra e a Dinamarca, a Belgica e a Hollanda eil-o em Pariz; Sua Magestade Choulongkorn, rei do Sião, cuja chegada ao continente

já tivemos o prazer de annunciar em um dos primeiros numeros da *Revista*. Acolhido em todos os paizes com as honras devidas á sua alta posição, o soberano siamez recebe da Inglaterra e de toda a familia real a mais enthu-siastica recepção: Guilherme II d'Allemanha lhe offerece as mais bellas festas em Berlim e Potsdam, e Humberto I acompanha o seo hospede em uma serie de excursões artisticas aos monumentos da cidade eterna. Na Russia o Tsar consagra-lhe uma especial revista da sua frota, e na Dinamarca o Rei e a Rainha convidam-o á tomar parte em uma grande festa de familia, que reunia um grande numero de principes inglezes, russos e dinamarquezes. A joven e graciosa soberana da Hollanda mostra ao seo hos-

pede a pittoresca cidade dos canaes, e Leopoldo da Belgica recebe-o em amigo fazendo-lhe as honras de uma visita á exposiçãode Tervueren, offerecendo ao seo regio visitante uma larga e magnificante hospedagem.



Ph. Lenz e C^{ia}.

O ultimo retrato do Rei de Sião.

Restava sómente a França, isto é Pariz, que procurou co-roar a serie de todas essas attencio-sas e festivas recepções acolhendo o monarcha siamez com risotas e pilhe-rias consagrando-lhe toda a imprensa artigos de intimidacão aconselhando o mesmo a iniciar no seu paiz uma politica de accordo com os interesses francezes, pois em caso contrario o seu reino e a sua dynastia estariam em perigo. O governo francez, forçado a recebel-o officialmente e com todo o decoro, tem-se desempenhado com correccão, garan-

tindo a Sua Magestade todas as attencões que lhe são devidas. Choulongkorn, que antes de ser rei do Sião é homem educado á ingleza e de muito espirito, finge ignorar os artigos da imprensa e continua alegremente acompanhado de

dous generaes francezes a execução do seu programma que consiste em visitas, excursões, almoços, jantares, aos quaes Sua Magestade chega sempre a hora e tempo, não prescindindo das explicações sem fim que os seus *cicerones* são obrigados a lhe fornecer em *inglês* unica lingua européa que S. Magestade falla. O dia do embarque do Rei na occasião de sua partida de Bangkok, a capital do Sião, foi um verdadeiro acontecimento nacional. Uma multidão immensa cobria o caes enquanto que a presença dos sacerdotes recitando as orações de adeus davam á cerimonia um caracter imponente. Depois de ter feito as suas ultimas recommendações aos seus ministros, o rei dirijio-se ao corpo diplomatico que achava-se presente para saudal-o, declarando aos ministros europeos que contava com a boa vontade dos mesmos para que nenhum incidente desagradavel perturbasse o paiz durante a sua ausencia. A partida teve lugar minutos depois em meio de intermi-

Do *Graphic*.

Recepção do rei de Sião em Londres pelo Duque de Conaught.

Da *Illustrazione italiana*.

O YACHT cruzador do rei de Sião.

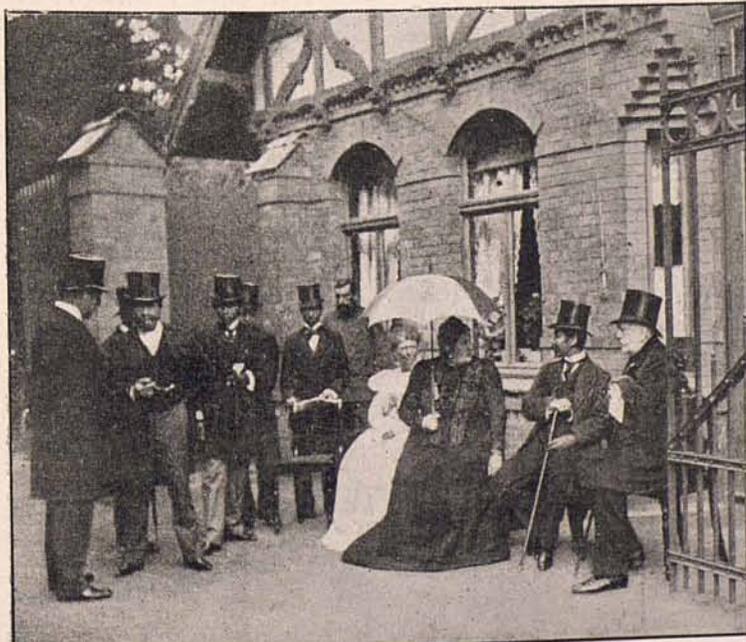
naveis adeuses e aclamações de boa viagem, desfilando vagarosamente o bello yacht-cruzador de S. Magestade por entre as mil pequenas embarcações e pirogas de siamezes que faziam cortejo ao navio real. S. Magestade trazia a bordo innumeraveis malas contendo valiosos presentes destinados aos soberanos europeos e é assim que a rainha da Inglaterra recebeu um riquissimo serviço para chá em ouro macisso e composto de oitenta peças de um valor de cem mil francos, obra notavel pela arte e paciencia que n'ella empregaram os sinzeladores siamezes, Choulalongkorn viaja com dous filhos, um irmão que exerce as funções de primeiro ministro e um sequito de quarenta pessoas.

A sua visita a Pariz encerrou-se por uma bellissima recepção no palacio do ministerio dos estrangeiros na qual tomaram parte as sumidades politicas e todos os embaixadores. Antes de deixar a França, o Rei do Sião partio para o Havre assistindo a um almoço de despedidas que lhe foi offerecido pelo presidente Faure na sua *villa* La Cote.

Em seguida a esse almoço Sua Magestade pronunciou um discurso de agradecimento pelas finezas que tinha recebido do governo da República durante sua estada em França offerecendo ao mesmo tempo ao Sr. Presidente Faure, o grande-cordão do Elephante Branco enriquecido de brilhantes e uma riquissima taça em ouro, finalmente trabalhada. Os Srs. Hanotaux e Meline ministros receberam bellos cofres em prata verdadeiras maravilhas da arte siameza — e os dous generaes encarre-



Do *Illustrated London*. A recepção do rei de Sião no ministerio dos estrangeiros em Pariz.



Illustrirte Zeitung. Visita do rei de Sião ao principe de Bismarck.

gados do serviço de honra junto á sua pessoa foram condecorados com a commenda do Élephante Branco. Todo o pessoal do palacio que esteve ao serviço de Chulalongkorn foi regiamente remunerado e aos pobres de Pariz, Versalhes e Havre foi por sua ordem distribuida a quantia de dez mil francos. A legação Siameza mandou imprimir para esta occasião diplomas commemorativos que serão enviados a todas as pessoas que directa ou indirectamente serviram sua Magestade.

Depois de uma minuciosa visita aos estaleiros e ao porto a imperial comitiva fez seus adeuzes reintregando o yacht real que momentos depois partia para a Inglaterra, de onde se effectuará o regresso á patria.

A QUINZENA POLITICA

A GRANDE e poderosa nação que ha bem pouco tempo celebrou a apothese da sua força e o esplendor do seu vasto imperio pelas maravilhosas festas do Jubiléo de sua graciosa Rainha, vê-se n'este momento ameaçada de uma séria sublevação n'uma grande parte do seu dominio das Indias.

Depois da terrivel e assustadora revolta dos Cipayos em 1857 á qual o governo Inglez infligio a mais energica das repressões, abafando-a em uma curta e sanguinolenta campanha fechada pelas gloriosas batalhas de Bithoor, Futtchepore e outras, não mais a desordem e o desasocego reinou n'essa grande possessão da corôa britannica.

Actualmente toda a fronteira noroeste da India limitando o Afghanistan, acha-se revolucionada e ás tribus Wariris e Swatis primeiras a sublevarem-se vieram juntar-se os Afridis e os Arakrais importantes pelo numero de combatentes e sobre cuja fidelidade tanto contava o governo do vice-rei. Desde o valle do Tatchi até ao Tchitral, e em todo o percurso da fronteira Afghan, numa distancia de mais de tre-

zentos kilometros essas mesmas tribus estão em completo estado de insurreição, dispondo segundo os telegrammas de setenta mil homens em armas.

Independente dos successos obtidos pelos revoltosos apoderando-se de diversas fortificações importantes, successos estes sómente devidos ao começo inesperado das hostilidades; o exercito inglez que se acha no theatro da guerra forte de cincoenta mil homens facilmente reforçados, saberá com mão de mestre applicar as medidas de 1857 obtendo em um prazo mais ou menos breve a pacificação de todo o paiz.

O governo e os centros politicos da Inglaterra abriram um rigoroso inquerito sobre as causas possiveis de semelhante revolução que surge de um modo tão extemporaneo.

Uma parte da imprensa procurou explicar esse estado de cousas como consequencia natural da fome e da terrivel peste que assolaram essas populações neste ultimo anno, mas a maioria d'ella e especialmente os grandes jornaes conservadores, accusam o Sultão e a sua camarilha como organizadores d'essa intriga que partida de Constantinopla ateou a revolta nos povos musulmanos da India.

Um dos chefes de uma das tribus revoltas, recebia continuamente embaixadas vindas da Turquia, e diversos jornaes impressos na capital d'esse paiz eram enviados á India, exaltando as recentes victorias dos Turcos contra os Gregos e pregando a guerra santa de todos os fieis do Crescente espalhados na Asia e Africa contra os christãos. Os successos do exercito do Sultão eram celebrados por toda a parte nas Indias por illuminações e ceremonias religiosas.

Lord Roberto de Kandahar, antigo general em chefe do exercito das Indias, accusa abertamente Abdurrhaman, emir do Afghanistan, de ter sublevado essas tribus que têm com elle uma communhão de raças e de religião e pro-

fessando como o mesmo a religião musulmana. O governo inglez partilhando esse modo de ver intimoou cathegoricamente Abdurrhaman que lhe fizesse um protesto solemne repudiando toda e qualquer connivencia com os rebeldes.

Resta naturalmente saber se o Emir é na verdade o intermediario das intrigas do Sultão, quaes as providencias que tomará o governo da rainha Victoria contra o primeiro e especialmente contra o segundo. Se essa revolta é suscitada pelo fanatismo religioso que parte de Constantinopla, os senhores embaixadores que lá estão ha seis mezes a espera que o patrão do serralho digne-se aceitar as condições de paz por todas as potencias reclamadas, podem alegremente verificar que o senhor dos eunuchos possui duas admiraveis diplomacias



ABDURRHAMAN
Emir do Afghanistan.



GUILHERME II E FRANCISCO JOSÉ
Nos Manobras de Tólis - Hungria
Supplemento Artístico da "Revista Moderna"



uma para embalar a ingenuidade de suas excellencias e outra que, tirando sem perda de tempo um admiravel partido d'essa mesma ingenuidade, envia emissarios prégarem a revolta e a guerra santa na terra dos Rajahs.

Emquanto o Tsar festeja a alliança com o Sr. Faure e o rei Humberto em companhia do imperador Guilherme fazem idyllios nos parques de Homburgo plantando pinheirinhos de Natal, Abdul-Hamid, ri-se dos embaixadores escrevendo bilhetes de amor ao emir do Afghanistan, e arrancando os ultimos farrapos d'essa infeliz Thessalia, de onde elle certamente espera fazer surgir mil surpresas nos ultimos momentos das negociações.

A Allemanha que, rompendo os seus tratados de commercio com a Inglaterra, declara á mesma uma encarnicada guerra contra a sua influencia universal, baterá palmas de contentamento ao ver a sua rival soffrer as primeiras consequencias de serias complicações; e nada tendo a perder no Oriente, continuará não obstante, a titulo de proteger os interesses de alguns banqueiros de Berlim, a impedir pelas suas exigencias e pelos conselhos que dá ao Sultão a conclusão da paz gregoturca, favorecendo assim o despertar do fanatismo musulmano que, não satisfeito dos massacres da Armenia e de Constantinopla, vai organizar insurreições com os mahometanos da India.

Alguns jornaes Inglezes chamam a attenção do governo sobre a fronteira russa da Asia e as constantes relações que existem entre a mesma e o Afghanistan, mas, é difficil crêr que a politica do Tsar tão franca e superior, como demonstram os ultimos acontecimentos, trabalhe para servir os rancôres e as anthipathias de Guilherme II, pois, independente das constantes rivalidades que sempre existiram entre os governos europeus, parte especialmente do soberano allemão essa grande campanha encetada contra a Inglaterra.

* * *

A HUNGRIA abre com orgulho as portas da sua capital para receber pela vez primeira a visita de um grande e poderoso monarcha, sendo

ainda mais esse mesmo monarcha, amigo e aliado do seu Rei.

Até o presente eram sómente os pequenos soberanos dos estados balkanicos que reintegrando os seus dominios consagravam apenas algumas horas a Buda-Pesth; hoje é o grande chefe da triplíce-alliança que, a convite de Francisco José, vem visitar a bella cidade dos magyars, imagem brilhante e viva de uma nação digna de um Estado moderno, organizado e prospero.

É com grandes festas que esse povo intelligente e astucioso celebra a presença de Guilherme II na sua capital, mesmo para confirmar officialmente esse titulo á cidade que tem a séde do governo da nação hungara e que foi outrora a residencia de seus saudosos soberanos.

Em um momento em que a Austria sente-se forçada a fazer concessões ás nacionalidades do seu imperio, em que o federalismo renasce pela voz dos tchecos da Bohemia reclamando uma justa autonomia, a Hungria, ciosa da partilha que poderá fazer concorrência á sua independencia e liberdade, une-se ao elemento allemão, combatendo com furor as pretensões nacionalistas das raças que representam o imperio austriaco. Em quanto era ella a dominada pelos Germanos, foi sempre revolta e insubmissa; hoje, isto é, desde 1867 que a sua posição como estado livre é completa obtendo satisfação a todas as suas aspirações, dominando mesmo na politica interior e exterior da Austria, oppõe-se systematicamente á menor concessão que o gabinete de Vienna disponha-se a fazer.

A Hungria não quer abdicar a posição conquistada á custa de tanto trabalho e resignação. A recepção entusiastica que ella reserva ao Imperador allemão, é toda dirigida ao poderoso chefe do germanismo ao qual ella ligou-se completamente para combater esse espirito de federalismo que lhe ameaça de tomar as muitas prerogativas que ella usa e abusa no governo do imperio e reino.

M. BOTELHO.



WILLIAM LOCKHARDT
Généralissimo do exercito da India.

LIVROS NOVOS

Primicias, versos de Carvalho Aranha. É um joven estudante da Faculdade Juridica de S. Paulo o auctor d'este pequeno volume; um adolescente apenas sabido da infancia. Os seus versos trahem a idade ainda curta, pelas imperfeições da fórma, pelo indeciso e hesitante do estylo, pelo incompleto de muitas idéas e imagens, que, embora brilhantes, não tiveram tempo de amadurecer; trahem-na tambem pela facil e confiante ingenuidade com que nós contam alegrias e tristezas simples, alegrias como as deve trazer a aurora, tristezas como as deve causar o crepusculo ás aves do campo. Direi mais que essa ingenuidade dá a nota sympathica do livro; o livro é sincero; e encontrar um livro sincero consola o leitor, quando certos escriptores, desde os seus primeiros ensaios, se esforçam por crear uma personalidade ficticia, e encobrir cautelosamente o seu modo de ser com o veio de processos complicados, de complicadas theorias. Sincero — nem sempre significa — original — em todo o valor da palavra; crear novas fontes de emoções, novos moldes de arte, uma nova maneira de exprimir sentimentos eternos, é resultado só de tempo, e que cada escriptor de talento só pode celebrar, em mais ou menos larga escala, quando attinge a maioridade intellectual. O Sr. Carvalho Aranha ainda se acha na phase em que, com excepções summamente raras, o homem não ousa avançar em qualquer terreno sem arrimar-se ás tradições, aos precedentes consagrados, e tem o receio instintivo de dar o que ha proprio, *inedito* no seu temperamento. Por isso o auctor das *Primicias* não se expande tão livremente, não se acha tão a vontade quando quer estudar problemas de philosophia transcendente, investigar a razão intima das cousas, descobrir as causas do mundo physico e do mundo moral, como quando se limita (e é o que faz geralmente) a traduzir com singeleza as impressões da sua alma juvenil. Para aquellas cogitações complexas o seu espirito não está ainda preparado; as idéas hauridas nas obras dos grandes poetas da tristeza, as formulas philosophicas adquiridas em leituras feitas um pouco ao acaso, se lhe cruzam, se lhe baralham na mente, e o levam a conclusões pessimistas; e para isso concorre tambem a melancholia dos periodos de transição; periodo de transição individual, que tal é a idade do auctor; periodo de transição social, como se mostra este agitado fim de um seculo, particularmente no Brazil onde uma crise nacional se enxerta na grande crise universal.

Quanto á valia esthetica do livro, me parece que ha nelle paginas muito superiores a outras; algumas de merito relativo, algumas mesmo que se diriam de escriptor feito, entre muitas onde o talento inexperto lucta com as incorrecções do metro e da linguagem. Entre as boas composições do volume se podem citar: *Angelus, Canção, Na praia, Symphonia, Ao anoitecer*, esta ultima admiravel sobretudo, pois, a julgar pela data, o auctor era um menino quando a escreveu. Em summa, á falta de perfeição no conjuncto, descobrem-se aqui e alli essas candentes scintillações do sentimento que revelam o genuino poeta. Não preciso de repetir ao Sr. Carvalho Aranha os justos conselhos do illustre prosador Sr. Clovis Bevilacqua que prefaciou as *Primicias*. Trabalhe, corrija, lime os seus versos; leia os bons estylists para formar o ouvido e o gosto. A recommendação é banal; mas aqui vem a proposito lembrar o dicto de um personagem de Tourgueneff: « Ha banalidades excellentes » — e este pensamento de Renan: « As verdades banaes são as eternas. »

Choupana das rosas, contos de Garcia Redondo. O aspecto elegante do volume é a manifestação exterior da elegante *maneira* que se revela em cada um d'estes contos. Contos leves são, contos breves e graciosos, oscillantes entre a ironia fina, que nada tem de amargura e que não fere, e o sentimento espontaneo, facil, moderado, que sabe chorar sem fazer visagens, e nos seus maiores impetos nunca irá até á fadiga, ou segundo a phrase de Marco Aurelio, *usque ad sudorem*. Não se deve aqui buscar o que o auctor não pretendeu de certo exprimir: caracteres fortes, paixões vigorosas, situações commoventes, profundos contrastes psychologicos, dos que penetram as proprias raizes da vida humana. Elle intencionalmente circumscreveu o seu horizonte, e dentro de taes limites nos offercé cousas varias e interessantes. O seu livro será lido com tanto prazer por uma formosa dama do mundo no seu *boudoir*, forrado de sedas claras ou discretamente neutras, saturado de selectos extractos triplices, povoado de frageis *bibelots*, como por um nobre letrado no seu gabinete austero, onde quadros de mestre e bronzes antigos se destacam entre as estantes de castanho entalhado á Renascença. A faca de marfim ou prata velha irá cortando delicadamente as folhas, uma por uma, sem que em todo o curso da leitura os dedos que a seguram tenham de estremecer a um choque violento. Mas o espirito de quem estiver lendo gozará a satisfação de sentir-se em contacto com um bello espirito, e a sobriedade limpida, equilibrada, encantadora do estylo será uma delicia para quanto tem bom gosto em litteratura. A *Choupana das rosas*, que abre o volume, é talvez a novella mais completa das que o compoem; alli, sem excessiva intensidade de cores, como já notei, se traça toda a historia de um capricho amoroso que acaba transformando-se em paixão real, segundo as ultimas linhas fazem adivinhar. *Os Segredos de Miss Consuelo* se nos desvendam em lindas paginas de um humo-

rismo manso, sem acrimonia nem despeito; em *Um homem venturoso* já a gargalhada de troça é mais mordaz, e tem algo de uma via de estudantes a um velho gamenho. Sombras fugitivas de melancholia tocam de leve outros contos, como *A influencia do meio, Tres charutos*, e sobretudo *Para melhor mundo*. Nas *Confissões de um cyclista* as impressões passam rapidas, apenas esboçadas, como a paisagem vista num momento ao voar do velocipede infatigavel. Os *Poemas da juventude* attestam habilidade e delicadeza de toques num genero assás difficil, todo feito de nuances e subtilezas. Abi está, porfim, o *Modelo*, que deu causa a renhida polemica por occasião do concurso aberto ha tres annos pela *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Discutiui-se então se a concepção era original, ou inspirada por obra semelhante de contista francez, e muita gente nos circuitos litterarios ardia de curiosidade por saber quem era a mulher formosa, a irresistivelmente tentadora condessa de K. que servira de modelo ao proprio marido sem este o perceber (isso provaria que elle jámais a vira sinão vestida e enluvada). Compreende-se que o auctor se visse obrigado a guardar extrema reserva, defendendo-se das perguntas que, á porfia, o assaltavam. Hoje, porem, o enigma está decifrado, e a discrição não tem mais razão de ser. Com effeito, a ninguem é licito ignorar já agora que a condessa de K. outra não era sinão a princeza de Chimay, ou, por seu novo nome, Mrs. Clara Ward; sim, que o seu retrato, o seu authentico retrato se nos depara aos olhos assombrados face a face com a pagina 112. E cumpre ajuntar que a linda americana fez increiveis progressos na arte do reclamo e no amor phrenetico da publicidade; no tempo a que se refere a novella, apenas quiz que a sua imagem nua fosse exposta no *Salão* com o rosto encoberto por uma mascara de velludo; hoje lá appareceria ella mesma, não em pintura, mas em pessoa, sem mascara e com, a seu lado, o zingaro violinista.

Para terminar observarei que o livro revela tendencias pronunciadas de cosmopolitismo intellectual — que aliás estão de accordo com uma das correntes dominantes na litteratura moderna; não me refiro de certo á linguagem que é perfeitamente vernacula, salvo um ou outro peregrinismo escusado; mas pelo assumpto, pelos scenarios, pelas idéas, esses contos podiam tão bem ser escriptos por um brasileiro como por um novellista de outra qualquer nacionalidade. E a prova é que, por exemplo, o *Testamento do tio Pedro*, onde o auctor se esforçou por traduzir certos traços locais de paisagem americana, tem todo o ar de um conto portuguez. De resto isso se explica facilmente, por que o Sr. Garcia Redondo fez em Portugal a sua educação litteraria.

Bohemia antiga, de Thomaz de Mello. Este livro, ao contrario, tem um cunho accentuadamente nacional; só um portuguez, e portuguez de velha rocha, o poderia compôr. Tudo aqui falla da forte e brava Luzitania, estreme ainda de contagios estrangeiros, um tanto austera mesmo nos folguedos e nas aventuras de capa e espada. Os costumes são de Lisboa ou do Porto, do Porto ou de Lisboa são os typos, os caracteres, o modo de fallar e de viver. A *Bohemia antiga* é aliás, uma obra antes vivida que imaginada. O proprio auctor o indica, nos versos melancolicos com que começa o volume:

Na minha alcova triste e silenciosa,
Onde tirito só, e amargurado,
Numa velhice atroz e lamentosa,
Este livro compuz do meu passado.

É um nobre homem que regimento gastou e regimento gozou nos dias da sua juventude dourada; e que, chegado agora ao crepusculo da existencia, tendo perdido no caminho as illusões e a riqueza, se distrahe do presente desconsolado com as recordações rutilantes de outr'ora. Assim a arte mais uma vez exerce o seu piedoso officio de resuscitar as cousas mortas...

É evidente que o volume, sendo narração de casos reaes, tem valor especialmente para os que figuraram nelles como actores ou testemunhas; esses é que podem verificar com pleno conhecimento de causa a exactidão das circumstancias e o parecido dos retratos, comprehender cada dicto, cada pilheria, cada allusão, julgar em summa o trabalho como auto-biographia mais ou menos pura.

Para o commum dos leitores, faltando-lhes taes informações, o que importa é o caracter litterario da obra; ainda assim considerada ella é interessante, e faz passar horas agradaveis. Não direi que o Sr. Thomaz de Mello seja um mestre d'estylo; sel-o-hia provavelmente, si tivesse aquellos elementos indispensaveis que são o longo exercicio profissional, a lenta e perseverante formação da individualidade artistica. Mas escreve bem, largamente, vigorosamente, sem affectação e sem desleixo; e depois tem graça, tem uma *verve* endiabrada, e esse brio cavalheiresco dos romantics magnificos de 1830. Em uma palavra, apezar de se declarar velho, tem muita mocidade ainda; e é de crer que, quando attingir os oitenta invernos, possa afirmar altivamente como o bello Arsène Houssaye: *J'ai, non pas quatre-vingts ans, mais quatre fois vingt ans.* M. A.

Almanak da « Tribuna Italiana ». — Recebemos e agradecemos esta interessante publicação destinada a prestar um real serviço como o guia necessario a todos Italianos que se dirigem ao Estado de São Paulo.

A AVÓ

Anoitece. Na sala, immersa em meia treva,
Copioso entrando vem pela janella aberta
O aroma embriagador da chácara deserta,
De onde a brisa até o céu a alma das flôres leva.

Num canto escuso os dois primos que o Amor esperta,
Cantam baixinho o idyllio immortal de Adão e Eva;
Pensam que o mundo é seu, no gozo que os euleva,
Quando elle a beija, ou ella ao seio as mãos lhe aperta.

Entanto, a velha avó que os contempla de longe
— Como contempla um baile austero e frio monge —
Estremece, sorri — saudade e inveja sente.

E o gasto coração, em subita pancada :
— Avósinha — lhe diz — lembra-te o tempo ardente,
Em que, moça tambem, amaste e foste amada ?

MAGALHÃES DE AZEREDO.





N'allons point plus avant; demeurons, chère Oenone.
Je ne me soutiens plus, ma force m'abandonné.

(Ac. I, sc. III.)

SARAH BERNARD NA “PHEDRA”



PORQUE é que através da arte evolucionista do theatro, a tragedia antiga persiste e triumpha? Porque é que os maiores successos de hoje são ainda as obras de Eschylo, de Sophocles e de Euripedes, e que esta moderna sociedade que se serve do canhão a tiro rapido, falla pelo telephone, e trata da emancipação da mulher, se interessa aos desastres militares de Xerxes, lamenta a incestuosa ignorancia de OEdipo, e chora o implacavel amor de Phedra?

O coração do homem é pois immutavel? Enquanto o esforço da intelligencia devora o tempo, na insaciavel sede das fontes do saber, alguma coisa fica, pois, dentro de nós, que não muda, que eternamente distingue e continua a nossa especie, a especie humana, feita para amar e padecer?

Estas reflexões fazia-as eu, depois que o panno

descera sobre a tragica agonia de Phedra, no meio da triumphal ovação com que toda uma plateia recompensava o sublime esforço de Sarah Bernard na celebre tragedia de Racine.

Esta obra do grande poeta francez é — como elle lealmente o confessa no prefacio da primeira edição — inspirada de Euripedes, que de resto lhe servia de constante modelo. A alma grega, heroica, apaixonada e fatalista, perpassa em todo o poema, enche o verso harmonico e correcto, rompe em patheticos effeitos através da inspiração romantica e quasi religiosa de Racine.

O amor de Phedra interessa e commove porque é um amor fatal. Ora a fatalidade nasceu das concepções primitivas; a moderna philosophia regeita-a e escarnece-a; a moral contemporanea implica o livre arbitrio. No jogo das paixões humanas, o theatro de Racine é bem um theatro grego e se elle hoje domina eminentemente, não

é tanto pela perfeição e elegância da poesia franceza do seculo de Luiz XIV, como pela idéa tragica e epica do seculo de Pericles.

Sarah Bernard, com a intuição que caracteriza o genio, creou não a Phedra de Racine, que Chateaubriand disse ser uma *esposa christan*, mas a Phedra da Mythologia grega, a filha de Pasiphaé, devorada pela paixão hereditaria da sua raça, possuida por um amor fatal, que aviva de implacavel ciume e do qual morre não arrependida, mas desesperada.



Ce n'est plus une ardeur en nos veines cachée
C'est Venus tout entière à sa proie attachée.

(Ac. I, sc. III.)

N'uma tragedia inspirada de Euripedes a attitude é um elemento impressionavel. Os gregos, adoradores da belleza, não admittiam a expressão de um grande pensamento senão por um grande gesto. A esthetica tinha frequentemente lugar de eloquencia. Nas *agoras*, nas assembléas, a linha firme de um braço estendido, a nobreza de uma cabeça er-

guida, o movimento de um manto traçado com violencia, decidiam muitas vezes dos mais graves assumptos. Comprehende-se que um povo que punha um tal cuidado artistico nas suas relações



Je l'aime non point tel que l'ont vu les Enfers...
...Tel qu'on dépeint les dieux ou tel que je vous voi.

(Ac. II, sc. v.)



Voilà mon cœur; c'est là que ta main doit frapper...
 ... Au défaut de ton bras, prête-moi ton épée.
 (Ac. II, sc. v).

diarias, exigisse do theatro a suprema harmonia da fôrma e da composição.

Sob este ponto de vista Sarah Bernard podia com successo representar a esposa de Theseo diante dos contemporaneos de Seneca.

Logo na primeira scena a sua attitude exprime melhor do que o seu verbo. A cabeça docemente inclinada para traz, acompanhando a linha do corpo que se encosta a CEnone, o braço esquerdo estendido procurando a mão da carinhosa ama, o braço direito erguendo descuidadamente o ligeiro manto, todo este abandono e toda esta graça contam a inconsolavel dôr de um amor occulto.

Na scena da confidencia, quando Phedra revela a CEnone o seu amor por Hippolyto, a linha perde de indecisão, firma-se n'um gesto soberbo e desgraçado, um gesto fatal de perdição, em que o amor vence o abandono e deseja e quer apezar da colera dos homens e dos deuses.

E quando mais tarde noticias vagas contam a morte do esposo — obstaculo de legitimas alegrias



Mon époux est vivant, CEnone; c'est assez.
 Il vit... Je ne veux pas en savoir davantage.
 (Ac. III, sc. III.)

— a figura torna-se humana, ganha em movimento. Aquella mulher que exclama, *Vivons, si vers la vie on peut me ramener* já não é a amante inconsolavel de ha pouco, mas é a joven rainha de Athenas, que procura dar ao corpo o realce voluptuoso das fórmas e a firmeza esculptural da juventude.

Na entrevista com Hyppolyto, quando ella lhe declara todo o seu amor, não se sabe que mais admirar se a magistral declamação d'este difficil trecho, se a belleza incomparavel das attitudes, desde o capcioso gesto dos primeiros versos :

*Oui, Prince, je languis, je brûle pour Thésée.
Je l'aime non point tel que l'ont vu les enfers,*

até á humilde prostração das derradeiras phrases :

Voilà mon cœur : c'est là que ta main doit frapper.

A partir d'este momento Phedra só agonisa.

O ciume, a colera, o terror que d'ella se apodera ao saber que o esposo está vivo, a baixa vingança que deixa perpetrar á sua confidente Cenone, a maldição com que a recompensa, tudo são phases d'essa agonia, em que o amor — perdida a espe-



*Ils s'aiment ! Par quel charme ont-ils trompé mes yeux ?
Comment se sont-ils vus ? Depuis quand ? En quels lieux ?
Tu le savais ?...*
(Ac. IV, sc. VI).

rança, só procura esquecer, esquecer para sempre.

N'esta segunda parte da tragedia, Sarah-Bernard attinge a arte suprema pela suprema simplicidade.



*... Je sais mes perfidies,
Cenone, et ne suis point de ces femmes hardies...
Ac. III, sc. III.)*

O seu movimento é lento e rythmico como um canto funebre, o seu gesto desolado e indeciso, o seu olhar perdido.

E na scena final quando Phedra, tendo tragado o veneno, subtil, espera a morte, a insigne actriz de tal modo se adapta á estethica do personagem, que pouco a pouco, a mulher se transforma em estatua, a estatua se torna vulto e se fixa em deliciosa visão, como se atravez a immensidade dos seculos, a verdadeira esposa de Theseo agonisasse ainda na sua larga cadeira lavrada, á sombra dos loureiros, não longe do templo de Venus-Aphrodite.

* * *

Este cuidado que Sarah Bernard põe na interpretação physica do personagem, o estudo profundo dos menores detalhes, já na escolha e movimento do vestuario, já na composição dos grupos em que toma parte e na configuração geral do scenario que lhe serve de quadro, faz d'ella a mais celebre actriz contemporanea e a unica capaz de resus-



Ah! je vois Hippolyte,
Dans ses yeux insolents je vois ma perte écrite.
(Ac. III. sc. III.)



Que dirais-tu, mon père, à ce spectacle horrible?
(Ac. IV, sc. VI.)

citar o encanto e emoção da tragedia classica.

Muito recentemente, quando a Duse esteve em Pariz, onde obteve justos e ruidosos successos, Francisque Sarcey no seu costumado folhetim do Tempo, aconselhava a Sarah Bernard que representasse a *Phedra* para seu pessoal triumpho, certa de que, n'esse campo da sublime poesia, a actriz italiana não a poderia seguir.

E porque? Não falta a Duse nem o sentimento nem a expressão, nem o entendimento do typo a crear, nem a força para os trechos patheticos, nem a alma para as phrases de amor!

Acresce que uma natural inclinação para as coisas simples, um sentido innato da verdade, a a faz celebre — unica tambem — na representação dos personagens contemporaneos e reaes.

Mas o que falta à Duse é esta arte da mimica, este cuidado na elegancia da posição, esta diligencia para fazer de um personagem antigo uma figura antiga, portanto bella, só tendo bellas attitudes, bellos gestos e bellas roupagens.

Para usar d'estes meios de interpretação é preciso crear. Para crear é forçoso ser-se artista, porque só ao artista é dado investigar as epochas e as figuras que foram e resuscital-as. Que a invocação seja no marmore, na tela ou na scena, o artista

antes de fixar materialmente a sua idéa, *viu*. O esculptor que d'um bloco de pedra fez Moisés, o pintor que fixou com mimosas tintas o rosto da Virgem, a actriz que encarnou Cleopatra, *viram*. E cada qual seguiu a sua visão; aquelle nas bíblicas peregrinações do deserto, este nos rescendentes jardins de Bethlem, este outro por sobre as azuladas aguas do Nilo.

Sarah Bernard *vê* admiravelmente e verdadeiramente. Que lhe apresentem um personagem e logo ella o examina, o estuda, o esquadrinha e o realisa. Deante do espelho já não está a Sarah Bernard,

sem aquelle ar de magestade que cabe a quem governa.

Para que realidade exista, a grande actriz cerca-se dos objectos que carece o personagem, e ninguém como ella tem melhor o fino gosto do adorno e do movel. A cadeira que ella escolheu para a Phedra, é a larga cadeira grega robusta e magestosa, onde á vontade cabe toda uma existencia e onde por fim commodamente e bellamente se póde morrer.

Esta reconstituição, este desejo de verdade desce ás vezes a minuciosidades raras.



Détestables flatteurs, présent le plus funeste
Que puisse faire aux rois la colère céleste !
(Ac. IV, sc. VI.)

está a *Fedora*, a *Tosca*, a *Dama das Camélias* ou *Gismonda*. Durante o periodo dos ensaios a sua vida propria desaparece e cede o logar á vida facticia do seu papel.

E como a mulher que ella incarna, passa de ordinario por uma gamma de sensações variadissimas — exigencia da boa e classica tragedia — acontece que Sarah tem essas sensações violentas, ama ou soffre, exaspera-se ou resigna-se, triumphou ou agonisa muitas vezes por dia e esfalfa-se e abusa da tenção prodigiosa dos seus nervos.

Se a figura pertence á antiguidade, Sarah já em sua casa usa sandalias e roja manto, e se é uma imperatriz logo a celebre tragica não dá um passo

Toda a gente se lembra d'aquellas pequenas serpentes que Sarah aquecia no seu seio e que tão realmente figuravam na scena da morte de Cleopatra.

Estes detalhes mostram sede de realisar um ideal e de attingir a perfeição não só pela palavra e pelo sentimento como pela harmonia physica, que triumphou durante muito tempo na unica fórma de theatro : a mimica, e que hoje de novo volta a affirmar-se no crescente desenvolvimento da *mise en scène* moderna.

Não se póde dizer, porem, que a natureza ajudasse ou facilitasse a Sarah Bernard os seus successos, n'este caminho.

A sua magreza, tão universalmente celebre como o seu talento, a sua estatura pequena e franzina, os grandes braços, o perfil interessante mas adunco, tudo lhe foi de certo difficuldade e obstaculo na incarnação dos personagens poeticos.

Mas de tal modo o genio é creador de prodigios que esta mulher de cincoenta e tres annos, pequena

e magra, logo que pisa a rampa e se embriaga dos versos de Racine, se transforma, adquire as seducções de um corpo joven, toma pela expressão um rosto captivante e na ancia de attingir a verdadeira belleza se torna verdadeiramente bella.

Luis SERRA.



... Et la mort, à mes yeux déroband la clarté,
Rend au jour qu'ils souillaient toute sa pureté.
(Ac. V, sc. VII.)

NOTICIARIO ILLUSTRADO

UM CASAMENTO PRINCIPESCO

A 27 de Agosto proximo passado, a capital da Dinamarca festejou esplendidamente o casamento da Princeza Ingeborg da Dinamarca com o Principe Carlos da Suecia e Noruega cujos retratos junto publicamos.



PRINCEZA INGEBORG
de Dinamarca.

Os noivos casaram na igreja do Palacio de Christianbourg e á cerimonia assistiram além de todos os principes das duas casas, representantes de todas as côrtes d'Europa.

Este casamento parece ser a confirmação da politica



PRINCIPE CARLOS
de Suecia e Noruega.

de concordia e alliança que ha algum tempo para cá se estabelece entre os paizes escandinavos e o povo dina-

marquez, politica que só pôde servir ao desenvolviment, d'esses paizes.

O povo dinamarquez fez, por este motivo, d'este casamento um acontecimento nacional e as festas tiveram um caracter verdadeiramente popular e patriotico.

GABRIEL D'ANNUNZIO

GABRIEL d'Annunzio, o já celebre escriptor italiano, foi eleito deputado de Ortona a 29 do mez passado. Esta noticia não regosija de certo os amigos das letras a quem o Sr. Annunzio promettia um largo e brilhante futuro litterario. François Coppée, n'um primoroso artigo, inserido no *Journal*, manifesta o seu pezar de ver um tão fino espirito enredado na suja teia dos negocios publicos, e deixa transparecer a esperanza de que o author d'*As Virgens dos Rochedos*, n'um tempo muito proximo



GABRIEL D'ANNUNZIO

envajado da tarefa parlamentar, volte, como Mauricio Barrès, ao sereno e exclusivo culto da arte.

O Sr. Gabriel d'Annunzio, que é muito novo — nasceu em 1864; — é, como se sabe, o author dos apreciados livros : *O Filho de Voluptuosidade*; *O Triumpho da Morte*; *O Intruso*; e mais recentemente d'*As Virgens dos Rochedos*, esta obra-prima cheia de inspiração, de graça, e de poesia.

A TRAVESSIA DA MANCHA EM CANOA

No dia 25 do mez passado, cinco corajosos Ingleses partiram de Dover n'uma canoa para emprehenderem a perigosa travessia do Canal da Mancha.

O dia estava esplendido e o mar tranquillo. Ao fim de uma hora de travessia, o vento começou a levantar-se e

o mar a tornar-se bastante agitado. A marcha n'estas condições era extremamente difficil, o movimento dos remos, contrariado pelas vagas, não produzia effeito e de vez em quando o mar, passando por cima do bordo, ameaçava de submergir a fraca embarcação.

Os intrepidos remadores foram, pois, obrigados a renunciar á sua empreza, e a fazer signaes aos barcos á



Os 5 remadores inglezes que tentaram atravessar a Mancha.

vela que cruzam n'estas paragens e por um dos quaes foram recolhidos.

Esta tentativa, ainda que sem resultado, fez grande ruido na Inglaterra e no continente onde todos os jornaes de *Sport* louvaram a audacia e resistencia dos cinco Inglezes que são os dois irmãos Pembertou, os dois irmãos Philips e Mr. Inagge, cujos retratos publicamos.

O ASSASSINATO DO PRESIDENTE DO URUGUAY

João D. Borda, presidente da republica do Uruguay, que foi assassinado em Montevideo a 25 de agosto proximo passado tinha apenas 52 annos de idade. Seu

pae, um francez dos Baixos Pyreneos, viera estabelecer-se em Mercédés, na America do Sul, onde exercia um modesto commercio. João Borda foi deputado e era senador quando El-Auri tendo recusado d'aceitar a presidencia da Republica, lhe coube a elle este houroso mas pesado cargo ao qual foi eleito em 21 de março de 1894. Borda que era um homem tranquillo e incapaz de causar damno a quem quer que fosse, pertencia ao partido dos *colorados*. O partido dos *blancos*, ha muito afastado do poder, entrara em revolução em fevereiro de 1897 na fronteira do Rio-Grande-do-Sul. Tendo sido batido por duas vezes, este partido não se deu por vencido, e continua a campanha. A este proposito o presidente Borda foi accusado de ter impedido as negociações de paz por não querer fazer nenhuma concessões

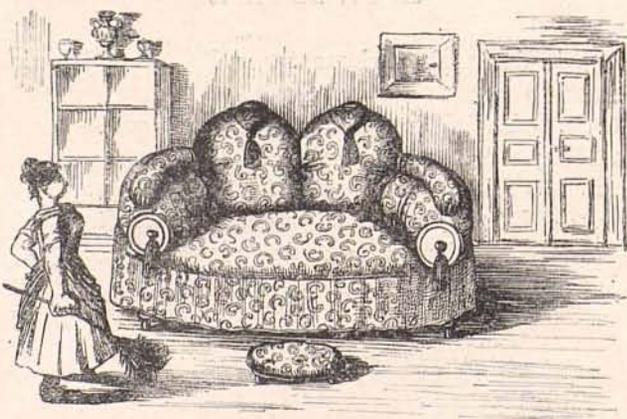


João D. Borda.

ao partido inimigo, e houve quem dissesse que elle queria que a guerra continuasse para se enriquecer, visto ser associado a uma companhia que fornecera os uniformes ás tropas governamentaes.

Já por duas vezes Borda fôra o objecto de tentativas de assassinato.

D'esta vez, no dia da festa nacional, ao sair de um *Te-Deum* caiu mortalmente ferido de dois tiros de revolver, que um official do exercito chamado Arredondo disparara.



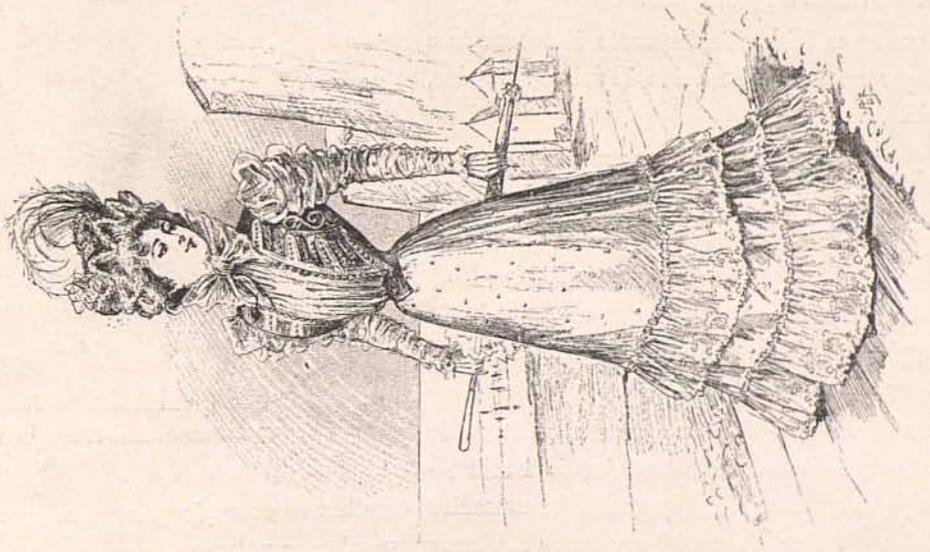
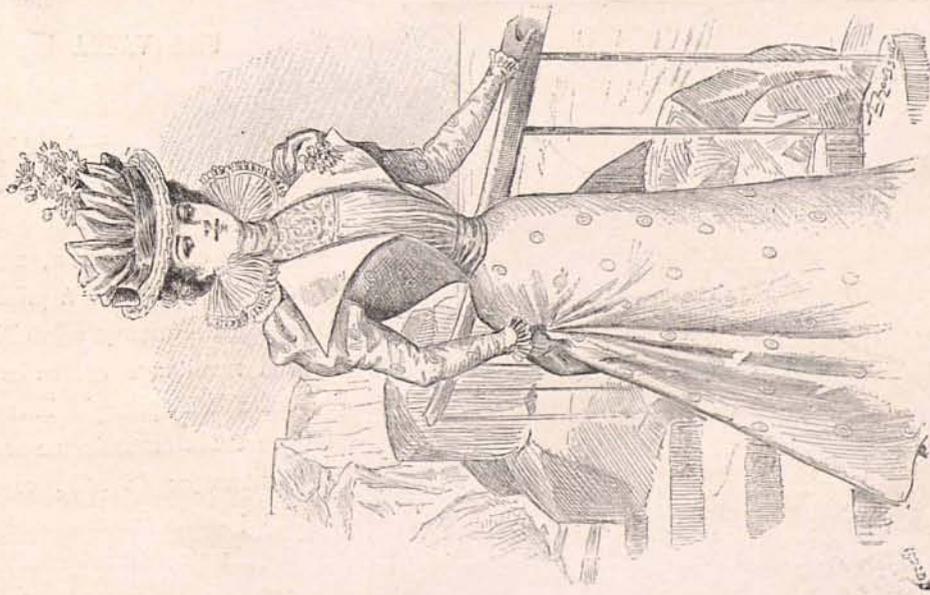
Do *Fliegenden Blatter*.

Que extraordinario sophá



O Jantar está na meza

ELEGÂNCIA E MODA



TOILETES DE VERÃO

SPORT

OS EXERCICIOS ATHLETICOS

A SOCIEDADE Franceza dos *Sports Athleticos* organiza todos os annos varias festas que têm sempre um grande e justificado successo.

Estas festas constam-de corridas pedestres, concursos d'exercicios, saltos e gymnastica.

O ultimo concurso foi particularmente interessante e n'elle teve logar um notavel concurso de saltos : simples, com trampolim, a vara, etc.

As duas gravuras que junto damos reproduzem dois instantaneos de um celebre salto executado na ultima festa d'essa sociedade.

Esse salto executado pelo Sr. Lecuyer do Racing-Club de França é um dos mais notaveis que se tem feito, e mereceu o applauso de todas as pessoas que se occupam d'esse ramo especial do *Sport*.

É para notar na nossa primeira gravura a attitude do gymnasta preparando o salto, da barreira de 1 metro e trinta; a sua posição dobrada em que todos os musculos se tendem é decerto a mais racional e a que se conforma



Ph. Instantanea feita durante o Salto.

melhor ao exemplo que nos animaes saltadores nos proporciona a natureza.

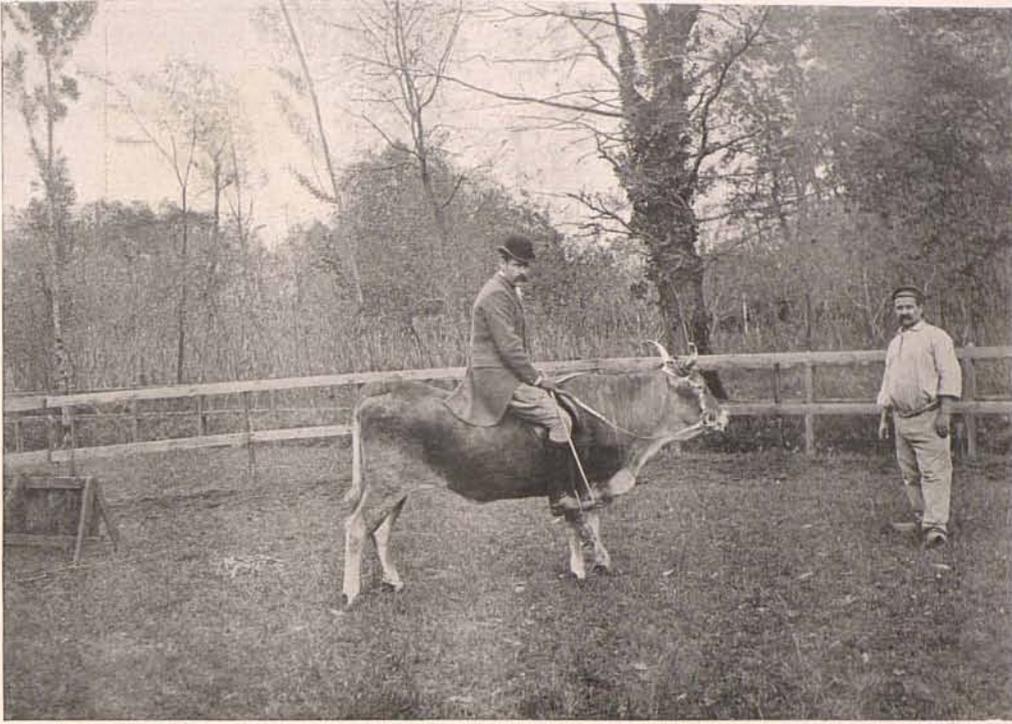


M. Lecuyer preparando o salto.

UMA VACCA EM ALTA ESCOLA

O MARQUEZ de Aiguevives teve a estranha idéa de adestrar uma vacca em alta escola.

Esta extravagancia, não foi ao que parece tão difficil, como á primeira vista se poderá suppôr. A começo o intelligente animal procurou revoltar-se contra esta profissão, que até então fôra apanagio da raça cavallina e empregou todos os meios ao seu alcance para se desembaraçar da sella cujo insignificante peso lhe parecia incommodo e talvez humilhante. Depois quando ao peso da sella se juntou o do cavalleiro, os seus protestos redobram de violencia e por varias vezes o audacioso montador foi deitado a terra.



Suzanne, a Vacca adestrada em alta escola.

aproveitando das lições d'equitação que diariamente se lhe faziam.

Actualmente Suzanne (é o seu nome) não só faz todos os dias um passeio de mais de um kilometro, montada pelo seu proprietario, como trabalha em liberdade, salta obstaculos e já se apresentou n'um circo de amadores onde teve grande successo.

Os pobres cavallos não estão decididamente com sorte! Não bastam os automoveis!...

Por fim á força de paciencia e de noiras, guloseima que ella muito appetecia, a vacca foi tomando juizo e

Se agora as vaccas tambem começam a fazer lhes concurrencia.

S. MARCELLO.

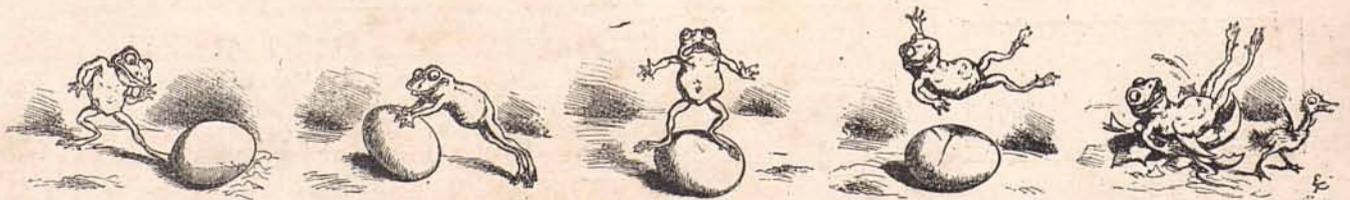
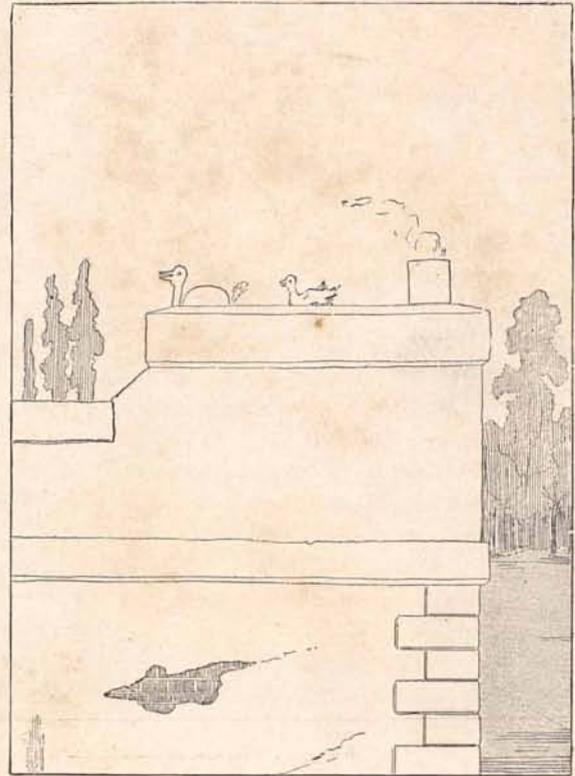


Suzanne saltando em liberdade.



Do Fliegenden Blatter.

ILLUSÃO D'OPTICA



Do *Fliegenden Blatter*.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCCESSO

	LIQ.
CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE. <i>Erlanger</i> , Serenata carnavalesca.	2
GALLÉOTTI (C.). <i>Walsa melancolica</i>	1 70
GUIRAND E SAINT-SAENS. FREDEGONDE , Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2
PFEIFFER (G.). <i>Cœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70
— <i>Musette et biniou</i>	1 35
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa.	2
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

REDACÇÃO

19, Boul. Montmartre
PARIZ

De meio dia ás 4 horas.

ASSIGNATURA de um anno

França 20 fr.
Estrangeiro . 22 fr.

LE BRÉSIL



ADMINISTRAÇÃO

19, Boul. Montmartre
PARIZ

De meio dia ás 4 horas.

ASSIGNATURA de um anno

França 20 fr.
Estrangeiro . 22 fr.

LE BRÉSIL

17 ANNOS DE EXISTENCIA

Correio d'America do Sul; apparecendo todos os domingos, com informações e noticias completas sobre todos os ESTADOS DO BRAZIL e um resumo dos acontecimentos mais importantes das republicas Hispano-Americanas.

Numero avulso : 50 centimos.

LE BRÉSIL acha-se á venda, em Pariz, nos kiosques de jornaes, em frente ao Grand-Hôtel.

CASA A MME

ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antip, 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS

PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA

PARA SENHORAS

ENXOVAES

ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade espanhola e americana.



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCE

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno. 50 \$ 000	Um anno 40 francos	Um anno 10 \$ 000
6 mezes. 30 \$ 000	6 mezes. 24 „	6 mezes. 5 \$ 500
Numero avulso. 2 \$ 500	Numero avulso. 2 „	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro.	LAEMMERT E C ^{ia} , Rua do Ouvidor.
São Paulo.	CASA GARRAUX, Rua de 15 Novembro.
Pernambuco.	LAEMMERT E C ^{ia} , Rua Marquez de Olinda.
Pará.	LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.
Pelotas.	CARLOS PINTO E C ^{ia} .
Santos.	WEINMAN ET C ^{ia} .
Campinas.	LIVRARIA ESCOLAR, ALFREDO GENOUX.
Ceará.	JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

PORTUGAL

A REVISTA MODERNA assigna-se e vende-se nas principaes livrarias de Lisboa Porto e Coimbra e na Agencia Geral — Travessa Nova de S. Domingos 42-3^o, Lisboa.

PARIS

Escriptorio e Administração
48, rue de Laborde
LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{ia}
11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA acaba de obter do imminente escriptor EÇA DE QUEIROZ, o direito de publicação de um grande romance inédito:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MATIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente, pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance:

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POE

EÇA DE QUEIROZ